



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO –
MESTRADO

MARCONDES JOSÉ RODRIGUES

**ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO: A vinda dos salesianos para o Nordeste
brasileiro, no projeto de romanização**

Recife

2024

MARCONDES JOSÉ RODRIGUES

ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO: A vinda dos salesianos para o Nordeste brasileiro, no projeto de romanização

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Ciências da Religião e Teologia – Código 44

Linha de pesquisa: Campo Religioso Brasileiro: Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

Recife
2024

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCONDES JOSÉ RODRIGUES

ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO: A vinda dos salesianos para o Nordeste brasileiro, no projeto de romanização

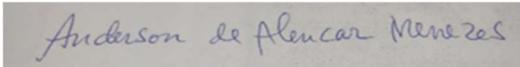
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.

Em, 29 de abril de 2024.

MARCONDES JOSÉ RODRIGUES

**ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO: A VINDA DOS SALESIANOS
PARA O NORDESTE BRASILEIRO, NO PROJETO DE ROMANIZAÇÃO**

Dissertação **aprovada** como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:



Dr. Anderson de Alencar Menezes – UFAL

Avaliador externo



Dr. José Afonso Chaves – UNICAP

Avaliador interno



Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral – UNICAP

Orientador

R696e Rodrigues, Marcondes José.

Espiritualidade do trabalho: a vinda dos salesianos
para o Nordeste brasileiro, no projeto de romanização /
Marcondes José Rodrigues, 2024.

87 f. : il.

Orientador: Newton Darwin de Andrade Cabral.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2024.

1. Salesianos - Missões - Brasil. 2. Religião.

3. João Bosco, Santo, 1815-188. I. Título.

CDU 271.789

Luciana Vidal - CRB 4/1338

“Faz muito quem faz o que deve; não faz nada quem faz muito, mas não faz o que deve”; “A respeito de Deus, pense conforme a fé; do próximo, conforme a caridade; de si mesmo, conforme a humildade”; “A vida é muito breve é preciso fazer logo o pouco de bem que se pode fazer, antes que a morte nos surpreenda”!

DOM BOSCO.

“Nada te perturbe: quem tem Deus tem tudo”

“Faça de tal modo que todas as pessoas com quem você falar se tornem seus amigos”

“Procure fazer-se amar mais que fazer-se temer”

“O meu sistema educativo se apoia todo na razão, na religião e na bondade”

“O amor faz suportar o cansaço, os aborrecimentos, as negligências”

“A caridade suporta tudo; por isso, nunca terá verdadeira caridade quem não quiser suportar os defeitos dos outros”

“Para fazer o bem é preciso ter um pouco de coragem”

“O caminho da cruz é o que conduz a Deus”

“A bondade no falar, no agir, no avisar, conquista tudo e todos”

“A educação é coisa do coração”

“A sabedoria é a arte de governar a própria vontade”

“Não creio que seja bonita uma festa sem Confissão e Comunhão”

“Um só é o meu desejo: ver vocês felizes no tempo e na eternidade”

“O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma”

“Trabalhe para Deus: o paraíso paga tudo”

“O mundo é mau pagador, ele paga sempre com a
ingratidão”

“Não lhes recomendo penitências e disciplinas,
mas trabalho, trabalho, trabalho”

(Compilação de frases de Dom Bosco).

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a compreender o contexto da chegada dos salesianos no Brasil no final do século XIX e início do XX e o posicionamento dos salesianos com do fim do padroado a partir do conceito de poder simbólico do sociólogo Pierre Bourdieu, bem como compreender o impacto do trabalho da Congregação Salesiana na sua chegada ao Nordeste do Brasil e na profissionalização dos jovens pernambucanos na cidade do Recife. Também Situar a passagem do século XIX para o XX, o que corresponde à descrição do chão da vinda dos Salesianos. Analisou os salesianos como agentes de reposicionamento do novo momento da Igreja: fim do Padroado e início da Romanização, pensando essa questão a partir de uma “espiritualidade do trabalho”. A pesquisa foi de base qualitativa e documental, em que serviu de objeto de análise a bibliografia, de fontes primárias como jornais, impressos publicados no período estudado, desenvolvida com base em material elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, de natureza qualitativa baseada na natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

Palavras-chave: Religião; Congregação Salesiana; Dom Bosco.

ABSTRACT

This research set out to understand the context of the arrival of the Salesians in Brazil at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century and the position of the Salesians at the end of the power of priests, based on sociologist Pierre Bourdieu's concept of symbolic power, as well as to understand the impact of the work of the Salesian Congregation on its arrival in the north-east of Brazil and on the professionalization of young Pernambucans in the city of Recife between 1882 and 1920. It also situates the transition from the 19th to the 20th century, which corresponds to the description of the background to the arrival of the Salesians. It analyzed the Salesians as agents of the repositioning of the new moment in the Church: the end of the power of priests and the beginning of Romanization, thinking about this issue from the point of view of a "spirituality of work". The research was qualitative and documental, in which the bibliography was used as an object of analysis, from primary sources such as newspapers, printed material published in the period studied, developed on the basis of elaborate material, consisting mainly of books and scientific articles, of a qualitative nature based on the nature of the data collected, the extent of the sample, the research instruments and the theoretical assumptions that guided the investigation.

Keywords: Religion; Salesian Congregation; Don Bosco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPITULO 1 A PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX, O QUE CORRESPONDE À DESCRIÇÃO DO CHÃO DA VINDA DOS SALESIANOS	21
1.1 A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA	24
1.2 A ROMANIZAÇÃO: O INÍCIO DE UMA REAÇÃO.....	25
1.3 A ENCÍCLICA RERUM NOVARUM	28
1.4 O CONTEXTO DA VINDA DOS SALESIANOS PARA O RECIFE.....	29
2 CAPITULO 2 - QUESTÕES CONCEITUAIS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS, NO FOCO DE PIERRE BOURDIEU	38
2.1 A CHEGADA DA IGREJA NO CAMPO RELIGIOSO DO BRASIL	40
2.2 O SÉCULO XIX: “É PRECISO CUIDAR PARA NÃO PERDER O QUE TEM”...43	
3 TERCEIRO CAPÍTULO: OS SALESIANOS COMO AGENTES DE REPOSICIONAMENTO DO NOVO MOMENTO DA IGREJA	57
3.1 OS SALESIANOS, A JUVENTUDE E A ROMANIZAÇÃO NO NORDESTE BRASILEIRO.....	61
3.2 A ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO: OS SALESIANOS E O NOVO HABITUS RELIGIOSO.....	68

INTRODUÇÃO

Ainda quando adolescente na primeira experiência espiritual na igreja de Dom Bosco do Bongí, bairro da periferia da cidade do Recife, capital de Pernambuco, no contato com o oratório festivo junto a centenas de jovens de comunidades circunvizinhas, na década de 1986, algo despertou a vontade de realizar esta pesquisa.

Todos se aglomeravam para assistir a missa do domingo pela manhã e logo depois era servido um lanche e logo se seguia para as atividades recreativas de futebol. Povoam na mente lembranças, com companheiros que já não se encontram vivos e de outros que permanecem bastante firmes. Alguns companheiros trabalham em atividades do serviço público e outros em empresas privadas, entre eles amigos e parentes, o comum entre eles foi a formação em cursos profissionalizantes como o de gráfica, serralharia, marcenaria e outros ofícios existentes na escola Dom Bosco adendo à igreja que se comentou logo acima.

Fundada em 1948, a escola Dom Bosco fez parte das unidades de Assistência Social da Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil fazendo parte da malha Salesiana de Atividade Social. Como objetivo procura promover a formação humana, cristã e profissional de jovens e desenvolver atividades e projetos. Oferece formação profissional e o programa Jovem Aprendiz, atendendo mais de 1.200 jovens em situação de exclusão e vulnerabilidade social. Como Obra Educativa Salesiana, envolve jovens num processo educativo integral, no qual, além da formação e desenvolvimento de competências profissionais, aprendendo também direitos e deveres da cidadania ativa, vivencia comportamentos sociais marcados pela colaboração, responsabilidade individual e solidariedade, aumenta o próprio conhecimento cultural, estrutura a sua identidade de forma adequada para se integrar no tecido social e civil.

Na formação relatada acima se destaca o trabalho dos salesianos que juntos o exerciam de forma muito abnegada naquela missão, o que era estranho, porque na tenra idade deste autor, não tinha conhecido um trabalho igual. E aí muitas dúvidas vieram e pairavam na mente como: qual o combustível para tanta dedicação? O que estava por trás de tudo aquilo? Quem tinha sido o Pensador daquela obra. E aí se percebe a doutrina Salesiana disseminada por Dom Bosco que pensou de que forma e como trabalhar a vida dos jovens para ter uma vida devota a Deus. E que tudo aquilo

fazia parte do Carisma Salesiano. E para se buscar a essência desta prática da espiritualidade salesiana, uma espiritualidade cristã, onde o ponto de partida é o amor de Cristo pela humanidade, que é a raiz da caridade do salesiano pelos jovens. É com o coração de Cristo que o salesiano desenvolve sua missão. Para conhecimento da prática salesiana foi necessária fazer uma pesquisa a fundo em fontes primárias e secundárias de informação assim como de documentações para abrandar as dúvidas a ponto de em 2022 estudar no curso de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco com o objetivo de pesquisar essa obra.

Compreender as origens dos salesianos deve-se voltar àquele bairro da periferia de Turim, onde sua ação declaradamente educativa começou: Valdocco, sede do Oratório de São Francisco de Sales.” “No Pequeno Hospital de Santa Filomena (8 de dezembro de 1844 - 18 de maio de 1845)” (LENTI, 2012, p. 435), Dom Bosco viveu no Colégio Eclesiástico até outubro de 1844; nesse período, “Verão de 1844, os três anos de Colégio Eclesiástico chegaram ao fim.

O que mostra que sua transferência tinha um propósito, dar início ao seu oratório, e que esse trabalho já vinha sendo feito com os jovens. Além disso, ele recebeu ajuda do padre Cafasso e do teólogo Borel¹. Este que havia falado com a marquesa de Barolo para que Dom Bosco começasse o seu trabalho com os jovens no Pequeno Hospital de Santa Filomena. Sabendo que lá não seria o lugar definitivo para o oratório. Dom Bosco, começaria ali uma peregrinação por vários locais. Depois de anos em condição itinerante, o oratório veio a se fixar em Valdocco, em meados de 1846, o que permitiu passar da condição festiva para a cotidiana posteriormente. Conforme relata cronologicamente o desenrolar dos acontecimentos até a fixação do oratório:

1841 - Verão: consulta ao padre Cafasso em vista da destinação novembro: entra no Colégio Eclesiástico de Turim é envolvido na catequese para jovens e adultos 3 de dezembro: composição da primeira pregação escolar
1843 - 10 de Junho: Dom Bosco obtém autorização para confessar 30 de novembro: última pregação composta no Colégio Eclesiástico

¹ Na sua capacidade de pedir ajuda, Dom Bosco sabia desde o primeiro momento que podia contar com sacerdotes que ofereciam parte do seu tempo à Obra dos Oratórios, que crescia com ele. Sacerdotes e amigos; e, também, mestres espirituais como o padre Cafasso, o teólogo Borel e o padre Leonardo Murialdo. Outro grande grupo de benfeitores e simpatizantes contribuiu financeiramente para as obras orientadas por Dom Bosco em Turim, em várias localidades da Itália, da França e da Espanha, além das missões na América Latina. Os benfeitores constituem também hoje a espinha dorsal da Congregação Salesiana. (ARTIME, 2020)

1844 - Acenos históricos sobre a vida do clérigo Luís Comollo outono: capelão no “Refúgio”, à espera de sê-lo no Pequeno Hospital de Santa Filomena 8 de dezembro: bênção da capela (oratório) do Oratório
 1845 - Maio-dezembro: peregrinação do Oratório de São Pedro in Vinculis aos Moinhos Dora verão: diretor espiritual no Pequeno Hospital O Devoto do Anjo da Guarda e História eclesiástica para uso das escolas
 1846 - janeiro: o Oratório na casa Moretta e no prado Filipe abril: o Oratório na sede definitiva de Valdocco agosto: despedida do Refúgio primeiro contato oficial com a Generala (BRAIDO, 2008, p. 159)

No cenário exposto até este momento, em 1841 “o padre João Bosco unia-se a outros eclesiásticos para acolher em locais apropriados para os jovens mais abandonados da cidade de Turim, com o objetivo de entretê-los com jogos e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes o pão da palavra de Deus”. (LENTI, 2013, p. 213). Nesse período, diante das condições adversas alguns amigos fizeram a diferença. Como foi o caso do padre Cafasso e do padre Borel.

“O teólogo Borel converteu-se no mais íntimo e fiel colaborador de Dom Bosco durante o período de formação do Oratório de São Francisco de Sales e durante a década seguinte até sua localização definitiva” (LENTI, 2012, p. 436). E foi no dia 26 de janeiro de 1854. Frio polar em Turim. No quartinho de Dom Bosco que pela primeira vez chamou seus amigos de salesianos, como ele mesmo falou a Rocchietti, Artiglia, Cagliero e Rua, “[...] Nossa Senhora quer que fundemos uma sociedade. Pensei longamente que nome lhe dar. Decidi chamar-nos Salesianos”. (BOSCO, 2014, p. 272).

A congregação que se formara tinha por meta cuidar dos jovens, principalmente os mais desfavorecidos, que na visão de Dom Bosco, esses mais necessitados eram os órfãos de pai e mãe, como diz Bosco: “Eis as condições impressas e distribuídas para o ano de 1860-61: Para os aprendizes: Ser órfão de pai e mãe. – Ter 12 anos completos e menos de 18. – Ser pobre e abandonado” (BOSCO, 2014, p.92). Para os dias de hoje seria uma condição pouco comum, ser órfão, mas para a época eram muitos os que jaziam pelas ruas vagando sem destino, como foi o caso do rapazinho que bateu a porta de Dom Bosco, “na noite de maio. ‘Chove a cântaros’ Dom Bosco e sua mãe acabam de jantar. Alguém bateu no portão. (Seguimos o fio da história pelas páginas escritas por Dom Bosco.) É um rapaz molhado e enregelado, de uns 15 anos” (BOSCO, 2014, p. 194). Esse foi o caso do primeiro jovem a frequentar o oratório: “Era o primeiro órfão a entrar na casa de Dom Bosco. No fim do ano, seriam sete. Tornar-se-iam milhares” (BOSCO, 2014, p. 195).

“Deve-se observar que mesmo tendo aceitado os órfãos ele aceitou a todos quanto quis vir para o oratório o horário não é fechado como em uma escola, e todos são bem-vindos, desde que dispostos a ocupar bem o tempo, especialmente nos dias festivos.” (DOS SANTOS; MARIA COSTA; ZANATA, 2015, p. 4) nestas condições ele trabalhou para recebê-los e fazer do oratório a casa deles, “o Oratório de Dom Bosco tinha de ser uma Casa, isto é, uma família,” (BRAIDO, 2004, p. 280). Ele pensava que desta maneira os jovens podiam ter a família que haviam perdido. Esse desafio exigia muito trabalho dado às dificuldades da tarefa, como foi observado por Sandrini que o oratório de Dom Bosco diferia de outros já existentes à sua época:

Dom Bosco em seu Sistema Preventivo no trato com os jovens pobres e abandonados fez uma educação complexa. No Oratório de Dom Bosco os jovens encontravam religião, razão e amorevolezza. “Ao contrário de outros Oratórios que se preocupavam quase que exclusivamente com a religião, ele trabalhou também a razão e a emoção”. (BOSCO, 2014, p. 22).

De acordo Braido (2008), alguns aspectos do trabalho de Dom Bosco mostrou que ele usou várias estratégias como o trabalho recreativo no pátio do oratório, e que este era uma junção de elementos diversos. O Oratório de Dom Bosco não é só escola da doutrina cristã nem só lugar de oração (“oratório”), mas também não é só “jardim de recreação” ou “recreador” ou “escola dominical”, tudo isso ao mesmo tempo, nesta perspectiva o oratório foi a solução para uma educação integral, como fala Lenti:

Cruzando-se ao mesmo tempo. Os meninos tinham liberdade de escolher os jogos que lhe agradassem. O oratório foi pensado por Dom Bosco como lugar de meditação reflexão e recreação por isso todas as escolas salesianas tem em comum o pátio como lugar de festa, devoção de comunhão e de exercícios como os jogos, Dom Bosco queria um pátio suficientemente amplo para permitir que grande número de jovens participasse dos jogos. Mais ainda, sua ideia de diversão era pouco comum para a época. Em primeiro lugar, ele queria um entretenimento muito ativo, que exigisse movimento físico e obrigasse a correr, embora isso obrigasse a ter vários jogos que agradassem, sempre e quando não fossem física ou moralmente perigosos. Em segundo lugar, todos os educadores deviam participar ativamente sem deixar, porém, de exercer sua tarefa de vigilância. (LENTI, 2013, p. 100)

O texto supracitado mostra como funciona os dispositivos disciplinar. No caso do pátio, os salesianos sempre estavam presentes visualizando todos inclusive para conhecê-los de perto e desta forma eles podiam atender às suas necessidades o pátio

era um “jardim de convivência’ como se via nos internatos, era um lugar amplo onde se desenvolviam os jogos – não no sentido de esportes organizados, mas de brincadeiras, sem pretensão de classificação” (LENTI, 2013, p.99). No pátio podia encontrar os três pilares da educação salesiana: religião, razão e amorevolezza. Outro fator importante sobre o pátio foi que nele era comportado todas as características pedagógicas do pensamento de Dom Bosco,

Do ponto de vista pedagógico, esse tipo de passatempo possuía várias vantagens. Primeiro, beneficiava fisicamente os jovens. Segundo, beneficiavam-se moralmente, pois o envolvimento nos jogos dissipava a tristeza, a preocupação, os maus pensamentos e os problemas associados à ociosidade e ao perambular ociosos pelo pátio. Em terceiro lugar, o jogo contribuía para criar um ambiente de diversão, alegria e felicidade considerado por Dom Bosco como requisito prévio para educar. Quarto, o comportamento informal e desinibido no jogo oferecia ao educador a oportunidade de conhecer mais o jovem e o seu caráter. Quinto, a presença dos educadores nos jogos como “irmãos mais velhos”, quase como iguais, elevava a moral dos jovens e promovia o espírito de família e confiança recíproca. (LENTI, 2013, p.99)

O pátio era o lugar de negociação entre os educadores e os educandos, lá dissipavam todos os problemas enfrentados nas ruas pelos jovens; como a fome, a solidão, a saudade dos pais e irmãos, assim como os horrores da morte que os cercavam todos os dias. De maneira hagiográfica Bosco escreve que os pátios já estava nos sonhos, Dom Bosco (com o oratório de maneira geral) “Aos amigos mais íntimos, João falava frequentemente desse ‘oratório’: iria nascer na periferia de uma grande cidade, teria pátios, edifícios, multidões de meninos. ‘Não invento nada, dizia tranquilo. Vejo tudo. Em sonhos. De vez em quando. De noite.’” (BOSCO, 2014, p.102). Há muitos escritos sobre os sonhos de Dom Bosco, muitos referentes ao oratório e que segundo o biógrafo Lemoyne, seu sonho sobre como seria fisicamente o oratório fora confirmado por Antônio Bósio:

O padre Bósio, pároco de Levone Canavese, companheiro de Dom Bosco no seminário de Chieri, vindo pela primeira vez ao Oratório em 1890, parando no meio do pátio, ladeado pelos membros do Capítulo Superior dos Salesianos, correndo os olhos ao redor e observando os vários edifícios, exclamou: “De tudo quanto vejo nada me parece ser novo”. Dom Bosco, no seminário, já me havia descrito tudo, como se tivesse visto com os próprios olhos o que contava e como vejo agora, com admirável exatidão. (BOSCO, 2014, p.102)

Os sonhos pareciam o reflexo da realidade do dia- dia de Dom Bosco ele percebeu que não podia caminhar para outro caminho que não fosse para o seu carisma, a missão com os jovens pobres, esta “propensão” transformou-se na opção decidida pelos jovens, que se converteram na preocupação absorvente do seu ministério, a inspiração especial das suas obras apostólicas e das outras instituições iniciadas a partir desse carisma² ou dele derivadas: a Família Salesiana inteira (LENTI, 2013, p. 77)

Neste sentido o carisma é o resultado do chamado individual de Deus ao homem para que este através dos dons recebido ele faça a missão a que foi chamado, como falou BOSCO “Acho que é este o “carisma”, o dom particular confiado a Dom Bosco, e que teve de integrar-se, por vezes de maneira dramática e tumultuosa, com as qualidades da sua terra”. (BOSCO, 2014, p. 95), Dom Bosco não se afastou da sua realidade, do contexto social de então, aquilo que ele viu desde a sua infância, foi o impulsionador do seu carisma como aponta Lenti:

Em 1848, a Gazzetta dell’Agricoltore fazia notar: À medida que se vai ao campo, nas zonas distantes dos centros povoados, fica-se assombrado diante do aspecto dos camponeses. Nessas zonas, todos – homens, mulheres e crianças – são magros, com escorbuto, demonstram-se cansados, exaustos pela fome e pelo excesso de trabalho. (2012, p.380)

Essa era a situação do campo, a zona rural, mas também segundo Lenti, a condição dos bairros do subúrbio era bem mais grave: “Todos os dias, mais de mil desses meninos e jovens aglomeravam-se pelos arredores da praça e do mercado de Porta Palácio, à espera de serem contratados ou, simplesmente, ficavam “circulando” (LENTI, 2012, p.386) e grande parte desses jovens e crianças dos que estavam nas fábricas eram analfabetos “O mesmo autor apresenta dados recolhidos em muitas fábricas, que demonstram que apenas um em cada cinco jovens trabalhadores

² O carisma é uma manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo são e fazem seja feito e ordenado em benefício de todos. Küng assim define o carisma: "É o chamamento que Deus dirige a cada um para um determinado serviço na comunidade, tornando-o apto para esse mesmo serviço". Outro grande especialista no campo assim o circunscreve: "Carisma consiste no chamamento concreto recebido através do evento salvífico, exercido na comunidade, constituindo esta comunidade, permanentemente construindo-a e servindo os homens no amor." (BOFF, 1994, p.257)

(carismas, na linguagem paulina). Criar persuasões de fé profundas e inabaláveis, capazes de suportar dificuldades e perseguições. Sem esta mística, criada na comunidade, o fiel não teria forças para suportar confrontamentos, perseguições, quem sabe até prisões por causa de seu engajamento, fundamentado na fé.(BOFF, 1994, p. 224).

frequentava ou frequentara a escola por algum tempo”. Cerca de 40% dos jovens abaixo dos 20 anos eram analfabetos. (LENTI, 2012, p.387) Dom Bosco compreendeu o seu chamado, seu carisma, sabendo ele de todas as suas dificuldades.

Sobre as dificuldades enfrentadas por ele, todos biógrafos apresentam de forma muitas vezes muito prolixa, visto que nesse tema a vida do santo é, nos parece sempre muito difícil como mencionou Teresio Bosco sobre seu sofrimento

O padre Rua, nos depoimentos juramentados para a beatificação de Dom Bosco, testemunhou: “Era doloroso vê-lo subir e descer escadas para pedir esmolas, submetendo-se também a duras humilhações. Sofreu tanto que, alguma vez, na intimidade, a quem dos seus, vendo-o encurvado, lhe perguntava por que se inclinava tanto para o chão, respondia: “Carrego às costas a igreja do Sagrado Coração”. Doutras vezes, brincava amavelmente: “Dizem que a Igreja é perseguida. (BOSCO, 2014, p.457)

Nesta questão, padre Miguel Rua descreve o âmago do carisma salesiano, suportando as adversidades frente a sua missão. Para Lenti (2013), Dom Bosco perseguiu esse objetivo que foi além do ordinário, “demonstrou uma perseverança extraordinária, uma capacidade de resistência pouco comum, a paciência de um santo, o sofrimento e a humilhação pela causa. O terceiro dos 9 propósitos de sua ordenação já o evidenciava: “Não recusarei o sofrimento, o trabalho, nem sequer as humilhações, quando se tratar de salvar almas” aqui nos poucos exemplos dos seus biógrafos podemos notar algumas características do carisma salesiano, não havia lugar para o fausto nem para a exaltação mas para humilhação e dedicação por uma causa pouco vista “a do jovem pobre.” Mas mesmo sendo um trabalho com “poucas visibilidade” a priori, ele se expandiu para fora das fronteiras da Itália como foi o caso da “viagem à França” que realizou esmolando de cidade em cidade, por quatro meses: de 31 de janeiro a 31 de maio de 1883.(BOSCO, 2014, p. 457), onde ele era quase que perseguido pela multidão. Lá ele foi recebido em cada cidade com o carisma, que ele moldou na sua congregação, a França que foi o berço da laicização “Os apelos à generosidade não foram acolhidos só pelas famílias ricas. Também pelas pessoas pobres do povo. Todos davam. Dom Bosco recebeu cheques, moedinhas miúdas, moedas de ouro. Até joias. “Chegou uma hora em que não sabia mais onde pôr as ofertas” (BOSCO, 2014, p. 463). Lá em outras ocasiões ele teve sua batina cortada a tesouras, cada um queria um pedaço da batina como relíquia, foi quando “Ausentou-se de Paris uma semana para ir a Lille e Amiens. O mesmo entusiasmo. Diante das

terríveis tesouras que lhe cortavam a batina, exclamava: Nem todos os loucos estão no manicômio!" (BOSCO, 2014, p. 463). Neste sentido vemos que esse carisma transpassou as barreiras geográficas do Piemonte. Há aqui o reconhecimento da missão de Dom Bosco, o carisma consolidado.

O carisma dará a ele como formador de seus colaboradores e fundador da Congregação Salesiana, e que reunirá ao redor de si e do seu projeto um grupo incondicional de pessoas às quais transmitirá um estilo de vida e uma missão bem precisa. (LENTI, 2013, p.7). Nesse sentido, "o carisma constitui a estrutura estruturalizante da comunidade" (BOFF, 1994, p.224). "Essas estruturas trabalham como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações gerando a manutenção do habito" (MONTEIRO, 2018, p.60). Ele não é somente um princípio de ação, mas também é uma estrutura cognitiva formadora de Tais esquemas é o resultado da interiorização das estruturas mentais ou cognitivas dominantes em um dado campo. (NANCY, 2016, p.59). O carisma é esse cimento aglutinador dos salesianos. A partir dele Dom Bosco sistematizou a prática diária, a vivência dos seus seguidores, neste sentido o desenvolvimento da congregação será sustentada pela missão de "Realizar bem os próprios deveres, como filhos, irmãos, cristãos, cidadãos e estudantes, por exemplo, e cultivar a alegria de viver é caminhos que enchem a vida de sentido."

Diferente dos capuchinhos que vieram para nosso país, como disse Alexandre de Oliveira Karsburg (2015. pág. 52), "o método missionário utilizado pelos frades capuchinhos em território brasileiro no século XIX baseava-se em dois pressupostos principais: itinerância e pregação³." Eles deram ênfase à vida evangélica, à oração, à de pobreza, à solidão e ao silêncio, mas conciliando essa existência com o trabalho pastoral nas comunidades (Oliveira 2015 pág. 54). Podemos ver que os capuchinhos, que aqui no Brasil chegaram em meados do século XIX, vieram do norte da Itália, do mesmo lugar e época de Dom Bosco. Eles tinham métodos diferentes dos salesianos,

³ Itinerância, pobreza e pregação torna-se a grande característica. Os pregadores itinerantes abandonam-se à inspiração do Espírito do Senhor, são "homens cheios de ânimo e de fervor, que se sentem levados a preencher o vazio da pregação oficial".

Normalmente são eremitas. Vivem nos Eremitérios em silêncio e oração e dali saem, descalços e com roupas simples e rudes. Levam a pregação do Evangelho preocupados com os problemas de seu tempo. Incentivam a criação de hospitais e hospedarias para leprosos e desabrigados, para que tenham comida e cuidado. Defendem o direito dos pobres e são porta voz de suas necessidades. Pregavam a paz e a partilha dos bens. Muitos começaram numa instituição religiosa, dela saíram, e depois criaram a sua própria família religiosa, para estarem vinculados a uma Regra aprovada pela Igreja. Era um estado de vida canônico penitencial.

seus objetivos estavam mais ligados à contemplação. Eram admirados pela maneira como se vestiam. “Ao vislumbrar religiosos como os italianos, o povo rendeu-lhes veneração por associá-los aos profetas bíblicos, principalmente pelas barbas longas” (OLIVEIRA apud AZZI, 2001). O estilo de vida deles estava ligado a uma população já devota à igreja.

No caso de Dom Bosco, teve como principal objetivo a educação para o trabalho e a vida espiritual dos jovens que, na prática, estavam em situação de perigo iminente, conforme supracitado. Como disse (LENTIN, 2013): as memórias mostram que, para Dom Bosco, cuidar dos jovens em situação de risco significava satisfazer todas as suas carências: alimento, roupa, refúgio e alojamento, trabalho, oportunidade de educação e estudo, emprego útil do “tempo livre”, como prioridades. É nesse sentido que pretendemos compreender a atuação da congregação salesiana aqui no Brasil e mais especificamente em Pernambuco para tanto vamos compreender a situar a passagem do século XIX para o XX, o que corresponde à descrição do chão da vinda dos Salesianos.

A dissertação buscou compreender o tratamento diferenciado dessa congregação religiosa em comparação às outras, que já estavam no país, buscando também elencar os pontos de inflexão para o estabelecimento deles na capital pernambucana.

Tem-se também, este estudo a necessidade de entender como as aulas na perspectiva salesiana “de Amorevolezza⁴” baseada nos pilares do pensamento de Dom Bosco nos trabalhos realizados nas escolas de arte e ofícios pelos salesianos, inclusive em Recife contribuiu para a manutenção do campo religioso da igreja católica, no cenário municipal da cidade, com a formação dos jovens a partir de uma educação “integral” profissional e religiosa. Essas questões tornam o projeto de grande importância para o estudo da religião em Pernambuco e no Brasil.

O Estudo parte do princípio que a congregação salesiana, foi no caminho contrário da secularização sem se desconectar do momento histórico, a partir do

⁴ Amorevolezza: É a marca salesiana. Dom Bosco usava esta palavra para indicar amor, carinho, afeição demonstrada, familiaridade, presença. A amorevolezza é uma energia espiritual, que nasce da mística do amor de Deus para os jovens. Quem percebe que é amado, torna-se também capaz de sair de si e amar os outros. A presença salesiana se identifica pelas atitudes de acolhida, bondade, alegria e fraternidade, que criam um clima de família. A afeição demonstrada é o “tempero” de tudo. Através de uma convivência aproximada e prazerosa, educadores e educandos experienciam a criatividade, a subjetividade, o emocional, o afetivo, a comunicabilidade, o diálogo, a amizade, a alegria de viver.

ensino técnico. Esse trabalho foi inspirado no humanismo otimista de São Francisco de Sales (responsável pela origem do nome salesiano). Que considera que toda pessoa é dotada de racionalidade, de recursos naturais e sobrenaturais. Numa perspectiva de Religiosidade integradora e unificadora onde a atitude é fundamental de abertura diante do sentido da vida que a partir da religiosidade contempla o ser humano nas suas mais diversas dimensões.

Nessa perspectiva percebe que a educação brasileira passou por várias transformações no período e dentro desse ensejo, é essencial ressaltar que o problema da educação no Brasil é antigo e basilar, no entanto, no final do século XIX e no decurso do século XX, os salesianos forneciam educação para os jovens de forma integral, preocupando-se em prepará-los e torná-los aptos para a vida em sociedade, além de acolhê-los quando esses não tinham para onde ir depois das aulas. A Igreja, através dos salesianos que aqui chegaram, começou o trabalho de profissionalização dos jovens pernambucanos.

No primeiro capítulo é necessário situar o momento histórico da origem da congregação salesiana também sua passagem do século XIX para o XX, o que corresponde à descrição do chão da vinda dos Salesianos, A congregação dos Salesianos surgiu no ano de 1859, através de São João Bosco. Após a aprovação do Papa Pio IX em 1874, esta comunidade religiosa recebeu o título oficial de Sociedade de São Francisco de Sales, uma vez que Dom Bosco era um devoto fervoroso desse santo. No entanto, os membros dessa congregação são mais conhecidos como "Salesianos de Dom Bosco". A cidade de Turim, localizada na região do Piemonte, na Itália, é o lugar de nascimento dos Salesianos e também foi testemunha dos primeiros anos da Família Salesiana.

No segundo capítulo pretende este estudo, trabalhar questões conceituais, teóricas e metodológicas, focando, a partir de Pierre Bourdieu, um dos intelectuais mais influentes do século XX, filósofo, etnólogo e sociólogo. Sua obra repercutiu mundialmente e foi um marco para as ciências humanas, demonstrando o conceito de poder simbólico. Neste capítulo trataremos sobre as ações da igreja e o exercício de manutenção de seu poder simbólico. Tema este que não seria possível tratar teoricamente sem se debruçar, buscando compreender como a Igreja Católica buscou manter seu poder simbólico nos três séculos que antecederam ao XIX. Faz-se necessário também entender os nós e entraves enfrentados pela igreja nesse período, o que pode clarear e dar vigor às premissas que serão postas a partir do final do

século XIX e no início do século XX, que é, *in loco*, a preocupação de nossa pesquisa. No primeiro momento descreveremos historicamente como a Igreja bipartiu o seu poder com o Estado para expandir suas possessões para além mar. Segundo, mostraremos como essa relação foi mantida até o final do século XVIII, quando as ideias liberais encontram campo fértil aqui no Brasil e penetram nos meios intelectuais, dentre os quais estavam os prelados brasileiros. E apontaremos, no contexto histórico, como a igreja atrelou suas ações a um projeto de manutenção do poder simbólico tanto na colônia como no império. Também discutiremos de forma mais vertical o poder simbólico de Pierre Bourdieu, analisando especificamente como foi a ação da Igreja Católica já no final do século XIX e início do século XX em reação à secularização e à quebra do padroado entre o estado e a Igreja, essas variantes que traziam necessidade de mudanças internas e externas nas estruturas da igreja .

No terceiro capítulo este estudo se propõe a analisar os Salesianos como agentes de reposicionamento do novo momento da Igreja, fim do Padroado continuação da Romanização, pensando essa questão a partir de uma “espiritualidade do trabalho”.

Visando atender a proposta deste estudo a dissertação tem como objetivo geral compreender e analisar a partir dos conceitos de habitus do sociólogo Pierre Bourdieu. O contexto da chegada dos salesianos no Brasil no final do século XIX e início do XX, e o posicionamento dos salesianos a partir do fim do padroado.

Impacto do trabalho da Congregação Salesiana na sua chegada ao Nordeste do Brasil e na profissionalização dos jovens pernambucanos na cidade do Recife entre o final do século 1882. Tendo como objetivos específicos:

- a) Situar a passagem do século XIX para o XX, o que corresponde à descrição do chão da vinda dos Salesianos;
- b) Trabalhar questões conceituais, teóricas e metodológicas, focando, a partir de Pierre Bourdieu, no conceito de poder simbólico;
- c) Analisar os Salesianos como agentes de reposicionamento do novo momento da Igreja: fim do Padroado e início da Romanização, pensando essa questão a partir de uma “espiritualidade do trabalho”.

Esta pesquisa tem característica descritiva com análise bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, de natureza qualitativa baseada na natureza dos dados

coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

Para a produção do trabalho sobre a atividade da congregação salesiana com os jovens nas cidades de Recife será realizada uma pesquisa documental no arquivo da inspetoria salesiana, livros periódicos do Recife. Devido à natureza exploratória do tema, este projeto de dissertação se propõe a fazer um estudo de caso combinado com um rastreamento de processo (process tracing⁵) Esse método que

Parte-se da constatação da existência de um processo que produziu determinados resultados, e de que esse, por sua vez, sofre a influência de mecanismos específicos que se conectam numa cadeia, responsáveis pela causalidade do fenômeno. Em outros termos, o método visa identificar os mecanismos causais cujas forças atuam na formação e/ou permanência de um fenômeno, bem como a conexão entre eles para a constituição de uma cadeia causal que gera os resultados observáveis (Bennett; George, 1997 apud, Cunha, 2018, p. 43)

Cuja combinação se mostra adequada para estudos em profundidade da congregação salesiana no caso do estado de Pernambuco, com a chegada deles aqui na cidade do Recife no final do século XIX.

Após o levantamento dos documentos necessários, a dissertação visa identificar os nós ou pontos de inflexão (momentos históricos, decisões, legislação, documentos, entre outros) que foram decisivos para a criação e desenvolvimento da Obra salesiana no estado de Pernambuco.

1 CAPÍTULO 1 A PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX, O QUE CORRESPONDE À DESCRIÇÃO DO CHÃO DA VINDA DOS SALESIANOS

⁵ Process Tracing pode ser traduzido como mapeamento ou rastreamento de processo. Trata-se de um método eminentemente qualitativo que procura examinar e analisar cadeias causais que ligam um determinado fenômeno a um determinado resultado. Apesar de muito evocado, não se considera que o método seja sempre muito bem entendido, aplicado com rigor (COLLIER, 2011), ou suficientemente detalhado (BENNETT; CHECKEL, 2015). Atualmente tem recebido muitos e importantes aportes no sentido de sua formalização, explicitação e sistematização, com vistas a reduzir erros inferenciais.

A configuração do mundo estava em mudança no contexto da partilha da África e da Ásia pela Europa nos séculos XIX e XX. A Europa atravessava a segunda revolução industrial movida pela descoberta da energia elétrica, do motor a combustão e da substituição do trabalho manual pelas máquinas que se espalharam pelo mundo. A produção em larga escala traz tanto a necessidade de mão de obra especializada, quanto da ampliação do mercado consumidor, o mercado europeu se tornou pequeno. Neste contexto as grandes potências do continente europeu se arvoram em um novo movimento ante suas colônias da África e a Ásia: o neocolonialismo.

A necessidade de matéria prima bem como a de mão de obra barata de novos mercados impulsionou o movimento iluminista que deu o alicerce para as mudanças nos campos da economia e das relações entre pessoas e países, deixando sua marca em todo globo. O lançamento do livro “A Origem das espécies”, de Charles Darwin, deixou marcas profundas na concepção sobre a gênese, as crenças do mundo ocidental, que outrora se firmavam na bíblia.

A tese de Darwin muda a concepção de parte do pensamento ocidental, com a teoria da seleção natural. Como falou, (LIBÂNIO, 2002), o dogma ancorado na fé se desintegra aos poucos, deixando de ser o critério e o limite, tanto do mundo natural, quanto das sociedades humanas, o que não significou o abandono, no entanto, o desmantelamento das crenças ou das instituições religiosas. A igreja Católica jamais voltaria a ser como antes.

A cidade do Recife, localizada no nordeste do Brasil, estava neste contexto mundial, onde os problemas da secularização já haviam chegado, e a igreja já estava a caminho do divórcio com o Estado, com fim do padroado.

A vinda dos salesianos para o Recife marcaria de forma vigorosa a vida de grande quantidade de jovens e crianças pobres que antes jaziam abandonadas. A chegada dos salesianos ao Recife é num contexto de intensas mudanças no Brasil.

As modificações sócio-políticas e religiosas ocorridas na passagem do regime monárquico para o republicano. No que se refere ao âmbito religioso, a sociedade está vivenciando o processo de laicização da separação entre a Igreja e o Estado está na pauta de discussão de liberais e positivistas. Ao se instalarem aqui nesse momento, os seguidores de Dom Bosco vão ao encontro do movimento dos bispos reformadores. O esforço do episcopado brasileiro em substituir a Igreja colonial pela hierárquica e tridentina data de meados do século em questão. Por isso, o enorme empenho deles em trazer congregações e ordens religiosas europeias para ajudá-los a executar seu projeto e atingir seus objetivos: reformar a Igreja no Brasil e formar um laicato nos paradigmas ultramontanos. (Pitillo,2017, p.77).

Para Azzi (1983) “a partir dos primórdios do Segundo Reinado, o bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, iniciou o esforço para vincular a Igreja do Brasil à Santa Sé, desatando-a das malhas do Padroado imperial. Esse movimento assumiu o caráter de verdadeira luta pela liberdade da Igreja” (1983, p.16) (Na medida em que o movimento foi se afirmando, os bispos decidiram procurar na Europa novos institutos religiosos que viessem colaborar com a reforma católica). esse movimento ficou conhecido como ultramontanos esse que propõe a volta dos fundamentos institucionais e políticos do Catolicismo Medieval e que, por isso, contempla a Idade Média como referencial de sociedade e de fé, olhando para este momento histórico onde não somente a unidade da Igreja, mas também a unidade política e a paz social estavam plenamente asseguradas. (DICIONÁRIO..., s.d.).

Para avançar neste sentido a igreja deve, naquele momento, caminhar para conseguir alguns objetivos como fala Pitillo (2017):

A primeira delas era aprimorar a educação dos padres com o intuito de discipliná-los para se submeterem a Roma. A segunda, assegurar à Igreja Católica maior autonomia em relação ao governo imperial. A terceira, conquistar o respeito e a confiança da população com a mudança de comportamento do clero. Por fim, a última meta seria afastar seus membros dos ideais liberais e da maçonaria, antiga aliada de muitos deles nas manifestações sociais e políticas. (PITILLO, 2017, p.78-79)

A Igreja Católica e o Império sabem que o casamento, entre eles, está às vésperas do fim, desta forma reorganizar suas estruturas, para os novos tempos, é mais que necessário. Não obstante a todos os desamores no padroado, entre o Estado e a Igreja, vemos que tanto o Estado como a Igreja trabalharão juntos até os últimos respiros da monarquia como falou Carvalho que:

Durante o Império o governo insistiu em não abrir mão do controle da Igreja, pois além de ser um recurso administrativo barato [...] possuía grande poder sobre a população, de que o governo se beneficiava. Ao ser proclamada a República foi eliminado o clero da burocracia mediante a separação da Igreja e do Estado (Carvalho 2007, APUD PITILLO, 2017, p. 187).

Em consonância com Carvalho, Azzi mostra que “os salesianos foram inseridos no campo religioso brasileiro com quase sem restrições pelo imperador. Os religiosos se estabeleceram no país nos últimos períodos do Imperial, D. Pedro fazia restrições às antigas ordens religiosas, dedicadas à vida contemplativa, considerando-as inúteis para o mundo moderno” (AZZI. 1983, p.511), essa postura do Estado é

também e principalmente na área financeira como observou Azzi; “Embora fosse vedado às denominações religiosas, o governos procurava em evidência que as subvenções eram destinadas, especificamente, a obras sociais, por abrigarem nos estabelecimentos salesianos meninos pobres e abandonados.” (AZZI. 1983, p.512). Além do Estado, os grandes latifundiários que guardava alguma restrições para com a igreja, apoiou o trabalho dos salesianos como afirma Pitillo:

A aristocracia latifundiária continua o autor, que compõe as lideranças políticas estaduais, quis cercear a influência eclesiástica nos negócios temporais, mas, ao mesmo tempo, apoiou e abriu espaço para a instituição do ensino particular religioso, concedendo terrenos, bolsas de estudos, subvenções e outros. Por isso, a Primeira República torna-se uma época frutífera para a expansão dos colégios religiosos. (PITILLO, 2017, p.101)

Essa aristocracia rural não estava afeiçoada com as antigas ordens religiosas, estas pareciam que estavam fora do ritmo das mudanças endógenas e exógenas que o mundo contemporâneo lhe trouxera.

1.1 A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA

Os eventos que precederam as transformações no seio da igreja na segunda metade do século XIX foram acionados por uma consciência de uma identidade nacional, a medida que se percebe que as decisões políticas do império estão preterindo as classes burguesas. Nesse sentido o desalinhamento entre o poder estabelecido e o latifúndio que agora economicamente está mais forte pela economia cafeeira e a industrialização que levará a uma urbanização dos grandes centros, esse que já havia começado com o ciclo do ouro como explica AZZI (1991):

O ciclo do ouro contribuiu não apenas interiorização e expansão da vida urbana no país, mas ao mesmo tempo possibilitou o surgimento de uma classe média não mais vinculada à estrutura do latifúndio escravocrata. Com o desenvolvimento urbano, cresceu também o nível cultural da população, em seus segmentos superiores. O aparecimento de diversos grupos literários organizados em Arcádias é bastante significativo. (Azzi, 1991, p. 13).

Os elementos urbanização e a cultura foram essenciais para a mudança de mentalidade no império. Podemos destacar que várias academias foram fundadas no país bem como a expansão das lojas maçônicas exercendo um papel importante na difusão das ideias iluministas e liberais “[...] na área mais específica do catolicismo,

deve ser assinalada a criação do seminário de Olinda, a associação dos padres de Itu, bem como a reforma dos estudos eclesiásticos entre os franciscanos e beneditinos, numa perspectiva marcadamente iluminista” (Azzi, 1991, p. 24). destacar também “[...] em que além do seminário de Olinda teve outro centro divulgador de ideias que foi o Areópago de Itambé, academia literária de origem maçônica” (Azzi, 1991, p. 72) esse último foi fundado por Manuel de Arruda Câmara.

Mas para além destes dois elementos temos as ideias liberais que se espalharam pelo como “[...] a respeito do direito à propriedade, liberdade comercial, igualdade de todos perante a lei” (Azzi, 1991, p. 13). Grande parte de prelados se alinharam em defesa desses direitos o que levou a diversas revoluções liberais como foi o caso da revolução de 1817 e confederação do Equador de 1824 em Pernambuco.

Neste sentido, a Igreja ainda teria outro problema com o Estado, estando, este, disposto a arrebanhar os bens da Igreja católica como fala AZZI (2008): “Estes bens foram em grande parte causa da ruína dos religiosos do segundo império. e o que ainda mais agravava o problema era que [...] O Governo em sua atitude de interesse por esses bens.” (Azzi, 2008, p. 201/202) levou a D. Pedro segundo a quase a extinção, aqui no Brasil de ordens religiosas, por falta de noviços para elas. Esses fatores levaram um” confronto aberto entre os bispos brasileiros e a Coroa imperial no início da década” (Miceli, 1988, p. 16) de 1870, que na:

Na conjuntura de implantação do regime republicano, a igreja católica passou a enfrentar um duplo desafio. A tarefa mais urgente era, sem sombra de dúvida, a definição de uma moldura organizacional própria em condições de garantir autonomia material, financeira, institucional, doutrinária, capaz respaldar quaisquer pretensões futuras de influência política, não podendo mais contar com subsídio governamental, cumpria desenvolver atividades e serviços de molde a assegurar margem razoável de rentabilidade[...]. (Miceli, 1988, p. 19).

Na esteira dos problemas da igreja com o Estado ela haveria de enfrentar agora um caminho íngreme em direção a autonomia em relação ao Estado. “Do ponto de vista político-organizacional, a separação cancelava praticamente todos os direitos de intervenção sobre os negócios eclesiásticos” [...] (Miceli, 1988, p. 19) como previa o regime do padroado. A Partir daí o Estado já não podia interferir nas demandas da igreja, como a organização de novas dioceses, abertura de seminários etc.

1.2 A ROMANIZAÇÃO: O INÍCIO DE UMA REAÇÃO

O processo de romanização da Igreja Católica do Brasil, no final do século XIX marcaria as ações, ela neste período enfrenta diversas dificuldades. Isso porque no quadro geral dela as infecções eram muito acentuadas levando a falência do poder simbólico por inanição. As antigas ordens religiosas pareciam não mais estar respondendo aos estímulos da modernização. Nesse sentido a romanização da igreja será um dos sentidos que a igreja adotará para reagir essas mudanças Segundo CABRAL, (2009).

A romanização foi, portanto, um processo através do qual a estrutura eclesiástica assumiu o controle de todo aparelho religioso. Por tanto, a Santa Sé forneceu não apenas o modelo, mas também os agentes destacando-se, entre eles as congregações religiosas, que passaram em conventos, seminários, santuários, paróquias, hospitais, escolas etc. (Cabral, 2009, p. 163).

Nesse sentido as congregações religiosas vão ser inseridas no território brasileiro a fim de introduzirem os preceitos da romanização. Era, portanto uma adesão da Igreja, brasileira, a um conjunto de medidas de emergência reformista que se “estende por todas as variações populares do catolicismo; [...] reformista do episcopado” (Azzi, 1982, p. 27). Nesse sentido a igreja se preocupou em buscar novas formas de inserir seus objetivos como afirmou LIMA(2012):

“Dom Macedo também estimulava a” vinda, da Europa, de congregações religiosas masculinas e femininas, pois a imigração do clero europeu tornara-se uma necessidade urgente devido ao lamentável estado em que se encontravam as tradicionais Ordens Religiosas, como os Jesuítas, Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos. Além da carência de recursos que dificultavam a manutenção dos religiosos e a reforma dos deteriorados conventos, o clero dessas ordens estava velho, numericamente insuficiente e pouco afeito às novas normas exigidas pelo catolicismo ultramontano. (LIMA, 2012, p.54)

Esse processo de romanização vai se dar de forma evolutiva e atingirá vários setores da sociedade brasileira, Esse processo será também sem alardes de forma paulatina:

“Neste contexto”, também o catolicismo começava seu movimento “silencioso” que, gestado durante toda a República Velha, era articulado pela elite eclesiástica visando promover a reaproximação do catolicismo com o poder republicano no Brasil [...] “(da Silva Gomes, 2008, p.302)”.

Mesmo tendo em vista a “questão religiosa na década de 1870, entre a Igreja e o Estado, ela, a Igreja, vai “[...] Firmar uma sólida aliança político-doutrinária com setores de grupos dirigentes favoráveis às pretensões católicas [...]” (Miceli, 1988, p. 13).

A Igreja Católica procurou desenvolver ações, entre as quais a interferência nas Igrejas nacionais para adequá-las ao pensamento e ao comportamento romanos, procurando assim, fortalecer a instituição, defendendo-a de seus adversários a nível mundial. O pensamento que embasou tais atitudes, nessa época, originou-se em um movimento ocorrido no interior da Igreja francesa, no contexto da Revolução de 1789, como reação às ideias iluministas. Tal movimento, o ultramontanismo, defendia que os Estados eram inferiores à Igreja e que, por isso, deveriam submeter-se à autoridade papal. Portanto, as intervenções temporais nos assuntos da Igreja deveriam ser absolutamente extintas. (Romano, 2012, p. 1).

Assim como as ideias liberais encontraram abrigo no seio dos intelectuais brasileiros, a romanização encontrou terreno fértil no Brasil do século XIX, essas ideias desembocaram com muita força como fala MICELI (1998):

“o movimento de reação eclesiástica desembocou numa série de iniciativas que, em longo prazo, significaram o estabelecimento organizacional e condições mínimas de sobrevivência política no acirrado campo de concorrência, ideologia, cultural e religiosa, do mundo contemporâneo” (Miceli, 1988, p. 12).

E em consonância com Miceli, CABRAL, (2009) ele explica que esse processo significava independência da Igreja em relação ao Estado, bem como o estreitamento da distância entre a igreja católica brasileira e Roma:

A romanização consistiu, no nosso caso, em bispos, padres congregações religiosas pautarem suas ações objetivando moldar o catolicismo brasileiro ao modelo romano, e que para o Brasil, implicou a mudança de dependência da coroa lusitana para a Cúria romana. O aspecto político ficou mais evidente quando se passou a se considerar a proclamação da república, em 1889, e o ano seguinte, quando houve a separação oficial entre o Estado e a Igreja Católica no Brasil, por terem implicado a possibilidade de efetivação de maior vinculação com Roma. (Cabral, 2009, p. 162).

A Santa Sé deveria tomar pé de tudo que era relativo à vida religiosa do povo e adequá-la aos padrões tridentinos, dentre os vários aspectos pelo menos dois podemos ressaltar “[...] era eliminar progressivamente os elementos considerados profanos no culto religioso, como meio de purificação da religião do povo; em segundo lugar, fazer com que o clero assumia a total direção das manifestações de culto e das associações de catequese popular” (Azzi, 1982, p.28). Nesse sentido

vale destacar um dos instrumentos usados pela Igreja para se aproximar dos operários.

1.3 A ENCÍCLICA RERUM NOVARUM

A *Rerum Novarum*, foi a mais influente das encíclicas de Leão XIII, constituiu o início dos esforços do papado durante a primeira metade do século XX para desenvolver, por meio de uma longa série de encíclicas e declarações públicas, uma doutrina católica compreensiva com questões políticas e sociais (KOERNER, 2020, p. 492, Apud Conway, 1997, 23). A estratégia visava disputar a hegemonia cultural na sociedade. A Igreja não mais se entrincheirava na defesa da restauração da unidade teológico-política para que os Estados reconhecessem a legitimidade da religião católica. (KOERNER, 2020, p.492). A igreja vai em direção dos vários setores da sociedade em fazendo “uso de influência, os contatos com os governantes e as pressões deles e a atuação parlamentar. Adotaram-se ações coletivas, públicas e de massa, que se estendiam do domínio espiritual para muitas áreas da vida social e cultural, promovendo uma ação evangélica para a defesa da religião e a direção da sociedade” (KOERNER, 2020, p.492). E a área que a igreja mais atuou foi a educação privada segundo Silva (2015), “a Igreja precisou reagir às” mudanças impostas no período republicano: recrutando seus quadros entre a elite do país, tornando-se a principal entidade da rede de ensino privada no país, criando novas redes de imprensa e abrindo novas dioceses no país (Apud MICELI, 2009). nesse sentido as ações da igreja estavam pautadas numa postura de domínio do Campo, a partir da estadualização, como cita Silva, (2015):

Outra ação da Igreja católica foi a implementação de vários documentos relativos a ação dela, haja vista que os movimentos revolucionários, no mundo, estavam em pleno vigor. Nesse sentido no século XIX, ela lançou uma série de encíclicas, entre elas estava a *Rerum Novarum*, foi a mais influente das encíclicas de Leão XIII constituiu o início dos esforços do papado durante a primeira metade do século XX para desenvolver, por meio de uma longa série de encíclicas e declarações públicas, uma doutrina católica compreensiva com questões políticas e sociais;

(.....) A estratégia visava disputar a hegemonia cultural na sociedade. A Igreja não mais se entrincheirava na defesa da restauração da unidade teológico-política para que os Estados reconhecessem a legitimidade da religião

católica (...). A igreja vai em direção dos vários setores da sociedade em fazendo uso de influência, os contatos com os governantes e as pressões deles e a atuação parlamentar. “Adotaram-se ações coletivas, públicas e de massa, que se estendiam do domínio espiritual para muitas áreas da vida social e cultural, promovendo uma ação evangélica para a defesa da religião e a direção da sociedade” (Koerner, 2020, p. 492, Apud Conway, 1997, 23).

O clero e os intelectuais católicos elaboraram doutrinas para definir e difundir o seu programa. Eles colocaram-se em relação polêmica com teorias laicas e redefiniram-nas de um ponto de vista cristão, de modo a serem adequadas ao diagnóstico do tempo presente e serem operacionais para a ação do clero, do laicato e dos governos. A sociedade brasileira estava em vias de industrialização e as ideias marxistas já estavam chegando por aqui, o que também necessitava de uma atenção por parte da Igreja nesse segmentos onde estava grandes parte da população, na indústria:

O progresso da indústria aumentou as desigualdades e os conflitos. Os operários organizaram-se num ambiente propício à expansão, “como uma peste”, de falsas doutrinas, como o niilismo, o comunismo e o socialismo. Elas atentam aos fundamentos da sociedade e “sujam toda carne, desprezam toda dominação e blasfemam toda majestade (Koerner 2020, p.493).

Os costumes cristãos estavam “ameaçados”, as doutrinas marxistas propaladas lá na Europa seriam junto com a laicização do Estado o indício Igreja Católica tanto no mundo como em nosso país que já às portas de um divórcio com o Estado ela necessitava de ações enérgicas.

A solução da questão operária estaria na restauração dos costumes cristãos, conforme o ensinamento da Igreja e a caridade cristã. A propriedade não poderia ser socializada, pois era direito natural, alcançado pelo trabalho. As desigualdades seriam naturais e inevitáveis, mas as classes deveriam basear-se na fraternidade para minimizar os conflitos e melhorar a condição dos pobres (Koerner 2020, p.494)

Foi nesse sentido que a Igreja vai trabalhar para trazer algumas congregações que atendam a essas necessidades que haviam sido postas. E uma das congregações que chegou no Brasil foi a dos salesianos.

1.4 O CONTEXTO DA VINDA DOS SALESIANOS PARA O RECIFE

O papel que a igreja tem desempenhado na educação desde a fundação da nação tem sido marcante e importante. Os Salesianos estabeleceram-se no Recife

em fevereiro de 1895, muitos dos quais haviam saído de Pernambuco. Na verdade, no final do século XIX, muitas igrejas europeias vieram para o país em resposta à insistência do Brasil de que os jovens beneficiassem da educação.

Os Salesianos desembarcaram no final de 1894 no Vieux Lamarão, Recife (o porto estava em construção), que hoje é o parque aquático. Existiam densas florestas e manguezais em seu interior. Existia um trecho de terreno entre o Colégio e o Hospital Pedro II denominado Ilha do Leite. Chegada de barco pelo Rio Beberibe. Camboa era um lago artificial que gera ondas fortes.

A colônia do antigo edifício Solar do Mondego já não existe. Em 10 de fevereiro de 1895, três meses após a chegada dos missionários, a escola foi inaugurada oficialmente como Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração. O nome reflete a devoção ao Sagrado Coração de Jesus de Dom Bosco (1815-1888), fundador da Família Salesiana. Na verdade, esta piedade crescia rapidamente na igreja daquela época. Em 1884, o Papa Leão XIII enviou Dom Bosco a Roma para construir a Igreja do Espírito Santo.

É preciso ressaltar que a chegada dos Salesianos ao Recife não se deu pela vontade das lideranças católicas da comunidade pernambucana. Também foram importantes as aspirações missionárias do Fundador Dom Bosco. A missão salesiana começou em Turim, no norte da Itália, e rapidamente se espalhou pela Europa e pela América.

A instituição de ensino localizada na Rua Dom Bosco é uma tradicional instituição educacional e católica, que hoje manifesta sua missão em diversos lugares: escolas, colégios, teatros, catedrais, estádios e capelas.

Segundo Rezende (2005) O Recife é uma cidade histórica de muita relevância no cenário internacional. É, atualmente, uma grande metrópole convivendo com a velocidade e a sofisticação das tecnologias modernas. A cidade possui historicamente diferenças culturais e sociais imensas. Segundo Antônio Paulo Rezende, cuja referência mais antiga é de 1537, ela cresceu a partir de suas atividades comerciais. O porto era o contato do Recife com o mundo, por onde entravam e saíam o açúcar e muitas outras mercadorias, o que fez dela uma das cidades mais importantes da América no século XVI. Pela sua importância na economia internacional, com o escoamento da produção de açúcar, no século seguinte a cidade foi invadida pelos Holandeses, durante o período da União Ibérica (Portugal e Espanha), quando Felipe II negligencia a proteção e o cuidado com o território brasileiro.

A história foi marcada por rebeliões: a Guerra dos Mascates de 1710, a Revolução Pernambucana em 1817, a Confederação do Equador em 1824 e a Revolução Praieira em 1848. “O Recife é a cidade anfíbia de Gilberto Freyre, com enorme capacidade de adaptação e potencialidades – do homem caranguejo de Josué de Castro” (REZENDE, 2005, p. 10). Mas o Recife era também a cidade do abandono de crianças. Na segunda metade do século XIX a capital pernambucana era lugar de abandono indiscriminado de crianças, muitas das quais morriam antes de chegar à idade adulta, sendo as doenças e a criminalidade suas principais adversárias, “elas estavam vulneráveis a duas mortes: a física e a social. Esta última, marcada pelo abandono dos genitores”. (VENÂNCIO, 1999 p. 153). Essa condição foi que levou a ação da Igreja a trabalhar para que resolvesse entre outras coisas o problema do abandono de crianças, visto que esse problema perdurou por séculos, e no final do século XIX na década de 1871 com a lei do ventre livre agravou mais ainda o problema.

No ano de 1882, o bispo Luiz Lasagna realizou uma excursão pelas costas brasileiras. O objetivo era observar *in loco* as condições para atender alguns dos inúmeros pedidos feitos pelos Bispos do Brasil para fornecer educação às crianças, essas egressas do sistema escravista, por força da lei do ventre livre de 1872, ou abandonadas pelos genitores (ANDRADE, 2015). 14 de junho de 1882 é o marco em que o primeiro salesiano, o padre Lasagna, aportou no Recife.

No Recife, na segunda metade do século XIX, havia uma crescente diversificação de atividades produtivas “representada pela criação de indústrias locais, a maioria produtora de bens de consumo não duráveis, cujo suporte era o mercado local” (BERNARDES, 1996, p. 49). Segundo Gadiel Perucci (1978), predominava naquele período a atividade econômica de produção de derivados de cana, a qual contava, para sua concretização, no ano de 1854, com cerca de 530 engenhos. Mas no final do século XIX Pernambuco tinha 14 fábricas.

Deve-se observar também que no final do século XIX aconteceram diversas transformações sociais; entre elas a migração de grande contingente para a capital pernambucana. Isso se deu pela conhecida crise da agricultura agroexportadora, decorrente da queda dos preços dos principais produtos regionais de exportação (açúcar, algodão e fumo). Por outro lado, relacionou-se também ao fortalecimento do paternalismo e patriarcalismo rural e urbano, fundamentados, inclusive, no sistema eleitoral imperial, cujo funcionamento, que ratificava os interesses majoritários da

manutenção do latifúndio e da escravidão, pressupôs a criação de relações de dependência entre senhores (candidatos) e parte dos homens livres (seus eleitores) por meio do uso da terra (ALECASTRO, 1997, p. 21-22). A partir destes fatos, muitos insatisfeitos migram para o Recife. De acordo com os dados apresentados por Marcus Carvalho (CARVALHO, 1998 *apud* LIMA, 2012), em 1856, Recife contava com 40.977 habitantes, número que expressa um crescimento próximo a 60% em menos de trinta anos – um fato espantoso para a época. Desse total, nada menos do que 81,19% da população era livre (30.270 habitantes). Esse crescimento populacional trouxe também grandes problemas, principalmente de excedente de mão de obra, num contexto em que crianças e jovens também eram considerados força de trabalho, muitos desses, abandonados. Segundo Alcileide Cabral do Nascimento (2008), eram filhos de mães escravas e também filhos enjeitados de mães solteiras, bem como filhos adulterinos das classes abastadas, que levavam os pequenos para a roda, nas madrugadas, porque não eram vistas pelas autoridades ou mesmo pela vizinhança, o que comprometeria a sua “honra”. Depois da Lei do ventre livre de 1871 houve um aumento significativo desse contingente de crianças egressas do sistema escravista.

Recife foi o ponto de referência do trabalho salesiano no nordeste do Brasil, uma vez que acreditava que em Pernambuco deveria localizar-se o centro irradiador de onde saíam os salesianos para outras regiões do Norte (ANDRADE, 2015). “E foi a partir de Recife que uma das metas católicas de fazer com que os membros da sociedade brasileira passassem a atuar sob a orientação decisiva dos princípios católicos” (AZZI, 1983, p.195) fosse colocada em pauta por meio da congregação salesiana, da educação profissional e espiritual com as crianças e jovens, pois era para a capital pernambucana que migrava a maioria dos camponeses egressos dos engenhos e fazendas.

Tais mudanças socioeconômicas e religiosas eram favorecidas pela conjuntura nacional. De acordo com Furtado (2008), a economia brasileira passava por transformações estruturais devido ao aumento da importância relativa do setor assalariado, em decorrência do processo de declínio e, finalmente, da abolição do regime escravista, em 1888, o que possibilitaria, na primeira metade do século XX, a “formação no Brasil de uma economia de mercado interno” (*Apud* LIMA, 2012). Foi também em Recife que, em 1789, a Igreja instalou a Roda dos Enjeitados, com a preocupação de onde eram deixadas crianças que, de alguma forma, tiveram seus destinos traçados pelas “estranhas práticas de abandono e eliminação”

(NASCIMENTO, 2008, p.186). Não fosse a Roda, seriam devoradas e/ ou mutiladas por “animais imundos” como cães e porcos que vagavam pelas ruas da cidade de Olinda e Recife (NASCIMENTO, 2008, p.190). Segundo Renato Pinto Venâncio

Se, no século XVIII, os enjeitados eram vistos como anjinhos que corriam o risco de falecer sem receber o sacramento batismal, no século seguinte, as mesmas crianças passaram a ser vistas como produto de raças degeneradas, filhos de mestiços e negros (Venâncio, 1999 apud SCOTT, 2000).

Para Nascimento (2012), essa condição das crianças havia nas vilas e cidades do Brasil colonial, entre elas o Recife, um costume estranho a nossa sensibilidade de hoje, que era abandonar crianças em lugares ermos, monturos, ruas e becos, portas de igrejas” (Nascimento, 2012, p.253). Desta forma a vida dessas crianças estavam entregue à própria sorte, frente a isso vemos que grande quantidade deles morria sem chegar a idade adulta pela grande mortandade como fala, BACELLAR, SCOTT (2012);

As causas da mortalidade infantil tinha que enfrentar um conjunto adicional de situações que colocavam em perigo sua vida. Estas situações “adicionais de perigo” poderiam está vinculada ao período da gravidez do parto - necessidade de esconder à gravidez, tentativas de aborto, as condições precárias que poderiam enfrentar no momento do parto; a necessidade de se transportar a criança até o local do abandono; a precariedade das instalações dos próprios hospitais, risco de contágios, má alimentação; mesmo depois de serem encaminhadas as amas, os perigos não cessavam. A somatória dessas condições explica, portanto, os altos índices de mortalidade. (Bacellar, Scott, 2012, p. 60).

Ainda para Barcellar e Scott, eram muitas as variantes que integravam as condições necessárias para o possível óbito prematuro daqueles pequenos. Mas, Nascimento acrescenta que:

Muitas dessas crianças eram frutos clandestinos e indesejados de uma vida amorosa e sexual na colônia que encobriram uma vasta e complexa gama de relações sensuais: “de mulheres e homens enfadados” no casamento; padres mal feitos ao celibato; de homens de prestígio que na falta de mulheres ‘brancas e honradas, ’unia-se fortemente às de cor; de mulheres brancas, índias e mestiças que, solteiras não podias encontrar marido (Nascimento, 2012, p.253).

Essas condições diversas dos motivos do abandono causaram profundas marcas no tecido social brasileiro, isso porque esses pequenos não tinham alternativas, se não o caminho da morte. “Na sociedade colonial brasileira, morrer

ainda muito jovem, desde que com batismo, significava aumentar a quantidade de anjinhos era o caminho da salvação. Deus proporcionou seu nascimento, fazendo o mesmo com sua morte.” (Faria, 2010, p. 81) Essa é uma condição de certa forma atenuar tal prática. E segundo FARIA (2010) muitos funerais dessas crianças que morriam e que tinham uma família, essa geralmente fazia festa, “O inglês John Candler, que passou por aqui em 1852, escreveu que esses cerimoniais muito se pareciam com festivais, assinalando neles a ausência do luto” (VAILATI, 2002, p. 368), esse aparato era feito, diga-se de passagem, por famílias abastadas, de acordo com as prescrições do viajante narrada abaixo:

As crianças com menos de 10 e 11 anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Quando se veste de São João o cadáver de um menino, coloca-se uma pena em uma das mãos e um livro na outra. Quando é enterrado como São José, um bordão coroadado de flores toma o lugar da pena, pois José tinha um cajado que florescia com o de Arão. A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz. Para os maiores, São Miguel Arcanjo é o modelo. Veste-se então o pequeno cadáver com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas, com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representam “madonas” e outras figuras populares. (Vailati, 2002, p. 371).

Se por um lado as famílias abastadas investiram no funeral dos anjinhos, que foram batizadas pela família, Por outro lado “não se devia dar sepultura em campo santo (dentro das igrejas e em seus adros) às que não foram batizadas, mesmo sendo os pais católicos”. (Faria, 2010, p. 82). Significando que essas além da morte física elas também estavam mortas espiritualmente, para a igreja. Para VENÂNCIO (1999) essas crianças passavam por dois tipos de mortes a física, e a social “o frágil equilíbrio dos núcleos domésticos não seria capaz de superar mais essa adversidade, e nesta perspectiva a solução imediata era o abandono dos pequenos nas portas dos conventos e ou nas casas mais abastadas”. Nesse sentido, a morte social era para os pequenos que conseguiam sobreviver à morte física. As condições de vida eram difíceis. Para aqueles que sobreviviam à mortalidade altíssima, a saída do domicílio da criadeira significaria, de acordo com Venâncio, essa morte social e afetiva, pois destruía a única referência familiar que possuíam.

“O destino era dos mais” tenebrosos: “uma vez rejeitada pela mãe-de-leite, a criança tomava consciência de sua condição de abandonada, tornando-se instável e rebelde, indo morar nas ruas e dando origem a mais uma geração de casais miseráveis que abandonam os próprios filhos” (Venâncio 1999, p.153).

A assistência das crianças abandonadas foi iniciativa religiosa e, depois das municipalidades, segundo fala FARIA (2009) “O primeiro recolhimento de crianças abandonadas, no ocidente europeu, foi criado em Milão em 787, e foi imitado por outras cidades europeias até o século XIX. Já no Brasil a responsabilidade por essa assistência foi as câmaras municipais”, o que segundo FARIA (2009) poucas foram as que destinaram verbas para tal assistência. “Ela teve inícios nas primeiras décadas do século XVIII, anos em que se digladiaram na arena política local as elites olindense e recifense. por volta de 1730 foi determinado pela coroa que as Câmaras de Olinda e Recife se incumbissem de assistência às crianças expostas.” (Nascimento, 2012, p.256). Essas cobranças seguiram acontecendo. No mesmo contexto histórico já em 1789 governador da capitania de Pernambuco criou a casa dos expostos aqui percebemos as primeiras ações de combate ao infanticídio com a criação da casa, José Tomás de Melo apresentou razões que motivaram as autoridades, segundo fala NASCIMENTO (2010).

Porquanto aches os costumes de se enjeitarem [...] as crianças pelas portas dos moradores da cidade de Olinda, e desta Vila de Santo Antônio do Recife, tinha acontecido algumas vezes amanhecer devoradas de animais imundos, que vagavam pelas ruas; horrorizado da notícia de semelhante espetáculo, busquei persuadir aos povos da necessidade que havia de uma roda e casa de expostos [...] (Nascimento, 2010, p. 263).

As razões apresentadas pelo governador sobre a exposição das crianças ao que parece estava mais ligada ao fato delas estarem sendo mortas ao ar livre, na presença do público como destaca Nascimento.

De forma que não era a prática do abandono em si e nem a possibilidade da morte dos bebês os “motores” propulsores da institucionalização da assistência às crianças abandonada, pois nem um nem outro gerava indignação na população. Tirar da vista, para evitar a exposição à morte era o que incomodava (Nascimento, 2010, p, 256).

Essa roda dos expostos foi muito criticada pela faculdade de medicina “Em meados do século XIX, o período conhecido pelas Rodas dos Expostos passaria a ser alvo de críticas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, criando condições para o advento da pediatria no país” (Perez, Passone, 2010, p. 656). “Neste contexto o século XIX, foi o motor de muitas mudanças, a revolução industrial e o mundo do trabalho darão o tom e a nota para a transformação de comportamento em relação às crianças”.

O ocidente no século XIX, a noção de infância adquire novo sentido social, ou seja, a “criança deixa de ser objeto de interesse, preocupação e ação no âmbito privado da família e da Igreja para tornar-se uma questão de cunho social, de competência administrativa do Estado” (Perez, Passone *apud* Rizzini, 1997, p. 24-25).

As mudanças estavam marcadamente mais acentuadas na passagem do império para a república a “sociedade escravocrata à organização da sociedade livre e de trabalhadores, período vinculado ao despertar do sentimento de nacionalidade e ao início da industrialização do país”. (Perez, Passone, 2010, p. 653). É neste contexto do final do século XIX que está atrelado a uma nova configuração social.

Essa nova condição social daria o termômetro das mudanças no campo da educação e trabalho. Que para a igreja católica essas crianças deveriam passar pela formação profissional e religiosa e que seria mais adequado, que para a igreja, e que a partir do trabalho dos salesianos, evitaria não só a morte física e social, mas também a espiritual.

Como foi observado, era grande a necessidade dos jovens por ajuda de parte das autoridades. É neste contexto que alguns nomes surgem trabalhando em prol de desenvolver o trabalho de educação com essas crianças entregues à própria sorte nas ruas do Recife. E destacamos Carlos Alberto de Menezes, que assume uma postura frente a essas variantes de necessidades. Ele, empresário do ramo têxtil, foi o precursor da vinda dos salesianos para o Recife. Nesse sentido, ele trabalhou para conseguir fundar a escola profissional.

“A iniciativa da vinda dos salesianos para o Recife veio da conferência vicentina partiu a 12 de abril de 1891. o presidente Carlos Alberto Menezes concitava aos confrades “a volver todos os esforços para uma obra beneficente em favor da infância e da mocidade, cujo segredo pretendia estudar uma nova viagem faria à Europa, e para isso contava com os padres salesianos.” Alberto de Menezes visitou o oratório em Turim e expôs para o padre Miguel Rua o desejo de conseguir salesianos para Pernambuco. Havendo a promessa de que, viriam no prazo de dois anos, deixou a quantia de oito contos de réis para a viagem dos primeiros religiosos. Foram os vicentinos que se encarregaram de encontrar a residência para os primeiros salesianos instalados no Recife” (AZZI, 1983, p.509).

Segundo LENTI (2012) esse trabalho já era realizado em Turim, na Itália, pelo fundador da congregação, Dom Bosco, que veio de uma origem humilde e dedicou sua vida à educação dos jovens. Ele viu a necessidade de ajudar os jovens de origem humilde de Valdocco. E considerava que o trabalho tinha um valor fundamental na educação espiritual dos adolescentes. Para isso,

Fundou, em 8 de dezembro de 1844, no Pequeno Hospital [de Santa Filomena] da marquesa Bartolo, o Oratório, que se transformou no Oratório de São Francisco de Sales, no qual, segundo Artur J. “Lenti (2012, p. 96) “aconteceu um desenvolvimento gradual de uma experiência espiritual-educativa”, que assumindo a forma de Oratório, tornou-se meio muito eficaz para enfrentar as necessidades de uma nova geração”. Diferente das escolas laicas, Dom Bosco afirmava na introdução ao Esboço de Regulamento do Oratório (1854), apresenta o Oratório como uma instituição sagrada (LENTI, 2012, p.100).

Esse modelo se encaixaria com o almejado pela igreja católica, brasileira, e aqui em Pernambuco, essa congregação vai chegar primeiramente com o trabalho de Carlos Alberto Menezes buscou a instalação dos salesianos em Recife, através do plano industrial disciplina-religioso na fábrica têxtil de Camaragibe, que além dos preceitos de Dom Bosco “Ele se inspirou na solução religiosa apresentada pela Igreja Católica na encíclica *Rerum Novarum*” (LIMA, 2012, p.163). Ela traz no seu estudo sobre o início da república quando da implementação desta bula papal aqui no Brasil como já foi citada. . Pitillo afirma que; “Portanto, a vinda dos salesianos para o Brasil não foi uma decisão espontânea da Congregação, e, sim, uma resposta às solicitações de bispos, tais como Dom Pedro Maria de Lacerda do Rio de Janeiro, Dom Macedo Costa do Pará, dentre tantos outros. (Pitillo,2017, p.78)

Analisando os documentos dessa pesquisa compreendemos que seria mais apropriado para compreender melhor esse processo da chegada dos salesianos; fazer essa pesquisa a partir das lentes conceituais do sociólogo Pierre Bourdieu, a partir dos conceitos Habitus, Campo e poder Simbólico. Como veremos nos capítulos seguintes.

2 CAPITULO 2 - QUESTÕES CONCEITUAIS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS, NO FOCO DE PIERRE BOURDIEU

Para Braga (2004) Durante o período compreendido pelos séculos XV, XVI e XVII a Europa passou por uma transformação sem precedente em sua história. Podemos citar várias dessas mudanças, a começar pela Renascença. Ela foi o aglutinador das ideias de transformação sem precedente em sua história. A expansão da navegação marítima levou à descoberta de novos mundos e contribuiu para o enriquecimento de uma burguesia em formação. A estrutura de produção e troca mudou radicalmente, num processo que se convencionou chamar de revolução comercial. Nas artes, alteraram-se as formas de representação do espaço. Seguindo essa mesma direção, houve também a volta à leitura dos antigos clássicos da literatura greco-romana, a filologia. Outro fator de muita importância foi o desenvolvimento da ciência moderna. Diversos fatores apontavam para mudanças bem diferentes das que houvera nos últimos mil anos. Mas para além do cenário que já expomos, essas mudanças alterariam a vida religiosa da população europeia e mundial. Como disse MONTEIRO (2007)

Com efeito, o tema das reformas religiosas pertinente ao início da época moderna possui implicações que ultrapassam as mudanças institucionais eclesiásticas no século XVI, relacionando-se também a aspectos culturais, econômicos e de poder vividos na Europa” (monteiro 2007, p.3)

O homem da idade moderna viu a igreja do ocidente sofrer o cisma, a Reforma Protestante em 1517. Esta iria mudar a feição religiosa do velho continente pelo impacto sofrido pela igreja católica. Forma-se o concílio de trento, cuja “abertura oficial ocorreu em 13 de dezembro de 1545. Cerca de 30 participantes estiveram presentes e cerca de 40 teólogos testemunharam”. “““ ““ No entanto, nenhum protestante compareceu ao evento” (Soares, 2022, p.22)”. Esse concílio será o que podemos chamar de contrarreforma, que é entendida como a reação da Igreja Católica ao avanço do protestantismo pela Europa. Ela se deu por meio de uma série de ações realizadas pela Santa Sé, que incluíram a catequização de pessoas por meio dos jesuítas. Essa companhia foi criada com objetivos bem delineados, como apresenta Shigunov:

A Ordem dos Jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a Coroa de Portugal e o Papado. Ela é útil à Igreja e ao Estado emergente. Os dois pretendem expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé. (Shigunov Neto, APUD RAYMUNDO, 1998, p. 43).

Os jesuítas foram os braços do poder simbólico da Igreja e do Estado na construção do Novo Mundo que acabara de ser descoberto, a América. Devemos ressaltar que os jesuítas, mais que uma companhia no trabalho de evangelização da Igreja, foram a reação católica contra o protestantismo. Ela estava mantendo a estrutura de poder que fora construída ao longo de séculos.

A Companhia de Jesus foi fundada em pleno desenrolar do movimento de reação da Igreja Católica contra a reforma protestante, podendo ser considerada um dos principais instrumentos da Contrarreforma nessa luta. Seu objetivo era tentar sustar o grande avanço protestante da época, e para isso utilizou-se de duas estratégias: por meio da educação dos homens e dos índios; e por intermédio da ação missionária, procurando converter à fé católica os povos das regiões que estavam sendo colonizadas (Shigunov Neto, 2008, p.172).

O que foi concretizado com a expansão marítima do século XVI, quando se descortina para El-Rei de Portugal evangelizar os povos do Novo Mundo. Para balancear as perdas católicas no velho continente, pelo avanço do protestantismo, a igreja católica tinha agora um grande desafio pela frente, tendo em vista a importância das descobertas, como expõe Hoornaert:

O maior acontecimento depois da criação do mundo, excetuando-se a encarnação e morte de Jesus Cristo, foi a descoberta das Índias. Portugal entrou de maneira decisiva nos planos de Deus, que depois de diversas tentativas mal sucedidas, lhe confiou a missão de estabelecer seu Reino no mundo (Hoornaert , 1997, p.24).

Nesse sentido os reis da Europa trabalharam para que esses acontecimentos fossem bem sucedidos, haja vista a oportunidade de eles exercerem seu poder não só no seu Estado, mas para além de suas fronteiras. Essa realidade é mostrada por DE ALENCASTRO (2000) na carta escrita por Dom Manuel ao papa; “Rei de Portugal e dos Algarves d’aquém e d’além-mar em África, Senhor de Guiné e da Conquista da Navegação [...] El-Rei se podia atribuir o senhorio dos territórios longínquos” (De Alencastro, 2020, p.11). Esse discurso do senhorio se espalha por todo o reino português, o que leva ao processo de evangelização das colônias, das quais a mais importante é o Brasil. A implementação de um processo de evangelização no Brasil, a partir do século XVI, deve ser entendida não apenas pela necessidade de construção de uma ‘imagem civilizatória’ ou de processo de poder, criada pela Coroa Portuguesa para a nova colônia, mas, sobretudo pela compreensão do próprio significado que o cristianismo tem na história da formação do Estado português.

2.1 A CHEGADA DA IGREJA NO BRASIL

Quais as características da igreja que veio para o Brasil? “A igreja que nasce no Brasil no século XVI torna-se, a certo modo, uma extensão daquela igreja Católica que existia em Portugal, com todas as suas características de expressar a fé cristã.” (Kuhnen, 2005,p. 25). Era uma igreja de um mundo em mudanças, conforme CHAMBOULEYRON (1996):

[...] diversidade de dois mundos em transformação: o Velho, sacudido pelas incertezas e conflitos religiosos, pela novidade das descobertas, pelas transformações no âmbito do saber; e o Novo, que assistia ao encontro de duas culturas diferentes, ao processo de instalação de uma sociedade propriamente colonial, à imposição de novos e à transformação de velhos valores societários e culturais (Chambouleyron, 1996, p.39).

Chega ao Brasil uma igreja do modelo jesuítico pronto para pregar a doutrina para os índios: “[...] saí à pregação e doutrina dos índios, zelar pela salvação daqueles povos gentios, trazer os gentios ao conhecimento de nossa santíssima fé católica”

(Hoornaert , 1997, p.26). Ao longo de quase quatro séculos a Igreja Católica e o Estado, ora Português ora Império brasileiro, estiveram ligados por meio do padroado, em que os laços entre as duas instituições eram quase que indissolúveis, uma vez que “[...] por decisão do próprio Romano Pontífice, o rei de Portugal, D. Manoel, fora constituído chefe e padroeiro de todas as igrejas nas possessões portuguesas ultramarinas,” (Kuhnen, 2006, p.25). Nesse sentido percebemos que o padroado permitia ao rei o poder de decisão acima do papa. “Desse modo, igrejas que foram se formando no ultramar, imediatamente abaixo do papa se colocava o rei de Portugal, como seu poderoso instrumento de domínio sobre as igrejas do ultramar português” (Kuhnen, 2006, p.25,26). Esse regime foi muito importante para a criação e sustentação da igreja em terras brasileiras. Isso porque era o rei “[...] quem determinava o modo de fazer missões, ficando ao seu encargo o envio de cristãos colonizadores e sacerdotes missionários, era somente ele quem podia tomar a iniciativa de fundar novas igrejas, erigir templos e nomear vigários” (Kuhnen, 2006, p.26). Desta forma compreendemos como foi estruturada a igreja nos primórdios da evangelização brasileira bem como a gradual formação da igreja católica no Brasil.

Ao longo dos séculos que se seguiram muitos foram os problemas enfrentados pela Igreja e o Estado português. Como afirma Azzi (1991, p. 5,6) “[a] pesar do Êxito obtido na implantação do projeto de Cristandade colonial, durante cerca de dois séculos, não faltaram também ao longo desse período adversários da coroa lusitana”. O padroado, que dava ao monarca o poder quase que total sobre os interesses da igreja, gerava grandes questionamentos à criação de um Estado Cristão, de acordo com AZZI(1991).

O primeiro grande questionamento se fez com referência à autoridade sagrada do monarca. Um dos principais pilares da organização política da sociedade colonial tinha sido o conceito sagrado de autoridade. [...] Essa autoridade, no entanto, era delegada aos monarcas católicos que passaram a governar os povos em nome de Deus”, (Azzi, 1991,p.6).

Lembramos de que o pacto colonial deixava a colônia infértil quanto a seu crescimento em vários campos como o da área de conhecimento, pois mantinha as condições para que a colônia continuasse estacionada em toda sorte de desenvolvimento, como indústrias, escolas, bem como quanto à liberdade de os clérigos, que só podiam agir conforme determinações do monarca português. Tais condições traziam, assim, uma descredibilidade para com a Coroa. “Essa descrença

com relação ao domínio lusitano adivinha não só da reação contra as medidas repressivas, mas também de um sentimento nativista cada vez mais generalizado.” (Azzi, 1991, p.7). Nesse sentido estava posto o nascedouro do sentimento de independência, política e religiosa. E segundo Eduardo Hoornaert uma das razões do conflito entre Igreja e Estado

[...] era uma cristandade em conflito [...] Essa cristandade admitia a escravidão, consequência estrutural do colonialismo mercantilista, e consagrava deste modo uma não fraternidade em flagrante oposição com a mensagem do evangelho “(Hoornaert, 1977, p.248)”.

Vale destacar que os próprios jesuítas tinham fazendas com vários escravos, e que segundo HOORNAERT (1977), “[...] houve tráfico interno de escravos entre os jesuítas, por exemplo, entre a província do Brasil e a vice-província do Maranhão (Hoornaert, 1977, p.260)”.

Além desses fatores já supracitados, também elencamos um órgão de controle que teve mais eficácia por parte do Estado Português e que foi um dos gatilhos que exerceu maior pressão em relação à liberdade dos religiosos brasileiros. Foi a mesa de “consciência”. Essa desabilitava não só os prelados, mas também o papa de exercer o poder que deviam ter.

Instituída em 1532 e só extinta no Brasil em 1828. Ao correr da história esta ‘mesa’ conseguiu centralizar diversos privilégios papais referente às nomeações episcopais e outras e tornou-se desta forma uma temível do poder colonial contra a liberdade da igreja. (Hoornaert, 1977, p.276) .

Esse instrumento de controle seria fator primordial nos diversos confrontos entre Igreja e Estado. Essa mesa interferia em vários setores da vida da colônia, a serviço do Rei, o que fez com que essa autoridade fosse questionada, primeiro no que diz respeito à autoridade do monarca, se ela era realmente vinda de Deus.

A partir do século XVIII, porém, cada vez mais era difundida entre as camadas letradas urbanas a consciência de que ao invés de proteção, a coroa lusitana exercia uma verdadeira função opressora sobre a população residente no território brasileiro (Azzi, 1991, p.6).

Essa relação tende a se deteriorar a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil na segunda metade do século XVIII

Em 1759, no governo de Pombal, os jesuítas foram expulsos do Brasil. Tal data pode ser considerada como o início da crise da Cristandade, e que perdura até o início do Segundo Reinado em 1840. Enquanto os membros da hierarquia eclesiástica mantêm-se nesse período fiéis à Coroa e ao regime colonial, uma parte significativa do clero, especialmente urbano, passa a aderir às ideias liberais, e paulatinamente começa a elaborar um projeto de Igreja Nacional, que, todavia não chegou a se efetivar. (Azzi, 1981, p.9)

Com o aumento no processo de urbanização da colônia as ideias se pulverizaram mais rápido; e lembramos que o ciclo do ouro contribuiu para o surgimento de uma classe média que estava desligada do latifúndio. E é a partir dela que vão ser pulverizadas as ideias libertárias. A esse fator acrescenta-se o processo de industrialização na Europa. Essas variantes só contribuem para uma aversão para com as nações ibéricas.

Aumentava, aliás, o descrédito com relação às nações ibéricas, à medida que se torna conhecidos os progressos sociais e econômicos dos outros países da Europa. Através de viagens mais frequentes para o exterior, formava-se no Brasil uma elite intelectual com visão mais ampla do mundo seus problemas (Azzi, 1991, p. 13).

Essas ideias configuraram o arcabouço dos tempos que virão assolar a estabilidade entre Igreja e Estado, conforme veremos nas análises que faremos do final do século XIX e início do XX, nas próximas páginas. Mas como poderemos compreender o posicionamento da igreja neste período?

2.2 O SÉCULO XIX: “É PRECISO CUIDAR PARA NÃO PERDER O QUE TEM”.

Gostaríamos de lembrar que estamos tomando por base para nossas análises os conceitos de: habitus, campo e poder simbólico do sociólogo Pierre Bourdieu, para podermos compreender o nosso objeto de estudo que é a chegada, para o Brasil, da congregação salesiana e seu trabalho no Estado de Pernambuco.

Para tanto tomaremos esses conceitos a partir do olhar do próprio sociólogo e de autores que também abordaram esses conceitos, como é o caso de José Carlos Pereira (2008), sobre o poder simbólico, que traz o conceito nas suas análises sobre a Igreja no texto *Religião e poder* (Pereira, 2008), no qual aborda os símbolos do poder sagrado: “[...] é preciso retomar as conceituações sociológicas sobre a Igreja e a religião, veículos inseparáveis de poder. A

igreja, como associação hierocrática, e a religião, como ação comunitária [...]” (Pereira, 2008, p.81). Segundo o autor, a religião e a igreja se juntam para exercer o poder simbólico. Falamos aqui da Igreja Católica Romana, que exercerá seu poder a partir de bens simbólicos como salvação e condenação, elementos essenciais para manter o poder, como demonstra Pereira (2008).

Pierre Félix Bourdieu nasceu em 1º de agosto de 1930 em Denguin, no vilarejo de Lasseube, região rural do Béarn, situada nos Pirineus, próximo à Espanha.

A teoria de Bourdieu contribui com a nossa pesquisa visto se tratar de uma proposta de análise de estruturas e agentes sociais por meio de uma abordagem do conhecimento subjetivo e objetivo. Ela possibilita pensar com acuidade a Igreja nesse movimento e momento focalizado no nosso objeto. Nesse sentido, é importante, inicialmente, a discussão dos seus conceitos de campo e habitus.

O campo tem regras próprias e objetivas. Esta é uma das suas especificidades, um microcosmo estruturado, espaço de força e de lutas. O campo possui uma autonomia relativa, porém, é preciso salientar que forças que se encontram no macrocosmo (espaço social) também interferem nele. Sendo o campo o espaço para a prática, os agentes agem de acordo com as disposições internalizadas, a partir da posição e da trajetória. As estruturas objetivas do campo são, por assim dizer, incorporadas no corpo e na mente dos agentes, o que lhes permite agir por meio de esquemas materializados em seus corpos. Em cada campo há correspondência a um Habitus (Monteiro, 2021, p.44)

O campo bourdieusiano é compreendido como um microcosmo social, como um espaço social, no campo os agentes, dependendo de sua posição eles agem em função de preservar as estruturas do campo onde eles estão localizados, a mobilização deles no campo será diferente dependendo de que função eles ocupam, por exemplo: um comerciante geralmente se mobiliza com interesses econômicos, já um intelectual, se mobiliza, age de forma diferente do comerciante, isso, em função de seu lugar específico no campo. A ação em campos distintos se dar também pela orientação do habitus, se os agentes incorporaram o habitus eles estão em condição subjetiva e objetiva, de agir em defesa campo. Nesse sentido a análise do campo e também por outro lado:

[...] compreender o pensamento bourdieusiano implica em considerar uma visão da realidade social fundamentada pelas estruturas sociais externas e pelas estruturas sociais incorporadas pelos agentes sociais, constituindo-se a partir de uma relação dialética entre agente e realidade social. Significa dizer que tal proposta contempla tanto o sentido objetivo das estruturas sociais externas e independentes da consciência e da vontade dos agentes como o sentido subjetivo das experiências

vividas, das crenças, dos pensamentos e da visão de mundo dos mesmos. "(Peña Cortés, 2016, p.47)

Tanto o campo como o habitus estão imbricados e não se pode fazer uma análise do campo sem considerar o habitus "Como sugere Bourdieu, o Habitus não é compreendido em seu sentido mecânico, como hábito, mas em seu sentido dialético, como história que se materializa ou como história que se incorpora" (Bourdieu 2009, p. 87 apud Monteiro, 2021,). Nesse sentido, define o Habitus como a existência de estruturas estruturadas como estruturas estruturantes que funcionam como princípios estruturantes que se adaptam facilmente ao seu objetivo sem supor intenção consciente, sem que mostre seu objetivo ou fins que é o domínio do campo ou mesmo a manutenção dele, para isso um dos principais atores da análise de Bourdieu são os agentes sociais.

O pensamento norteador da obra bourdieusiana encontra-se sustentado na inserção do agente social, posicionando-o nas estruturas sociais ao mesmo tempo em que as estruturas são consideradas tanto constituintes desse agente como também constituídas pelo mesmo. Portanto, compreender o pensamento bourdieusiano implica em considerar uma visão da realidade social fundamentada pelas estruturas sociais externas e pelas estruturas sociais incorporadas pelos agentes sociais, constituindo-se a partir de uma relação dialética entre agente e realidade social. (Peña Cortés, Olga Nancy. 2016, p.46)

Nesse sentido podemos notar que, no Habitus, os corpos deixam de ser estruturas biológicas tão somente e passam a ser pensados como corpos socializados. É o processo de socialização e incorporação pelos agentes a partir da posição destes situados no campo que informam as matrizes de apreciação e de percepção que orientam as escolhas e os interesses em jogo, todas essas escolhas não são aleatórias, elas são orientadas pelo habitus, resultado da interiorização da exterioridade a partir da posição que cada agente ocupa no mundo social.

A partir dessa análise é possível compreender os estilos de vida e a posição que o indivíduo ocupa, bem como a classe a que pertence. Como exemplo, podemos compreender como o habitus está inserido nas classes. Seria o caso de observarmos as classes populares - como essas valorizam a força física, orientando suas escolhas por práticas alimentares "pesadas", com maior volume no prato, o que se reduz em práticas esportivas, que necessitam de uso mais intenso de uso de força física. Já as classes mais abastadas têm a preocupação em comer algo mais refinado. Essas classes também têm a preocupação onde

vão passar as férias (se na Europa ou nos Estados Unidos) ou se vão comprar uma casa em Portugal, enquanto as classes mais populares não têm, em sua maioria, casa própria. Assim, na distância observada no acesso aos bens e serviços, vemos que as classes emergem em dimensões diferentes: enquanto uma está preocupada com a sobrevivência, a outra, a mais abastada, está preocupada com o investimento em capital cultural, tentando manter sua posição dominante.

Os dois conceitos, 'campo e Habitus', imbricados, condicionam a manutenção do poder simbólico, que é outro conceito de Pierre Bourdieu pensado como a construção da realidade e que tende a estabelecer uma ordem, um sentido imediato do mundo social. O poder simbólico, assim, pode ser entendido como aquilo que não está explícito, mas que constitui uma estrutura operante na formação das disposições dos agentes. Quanto mais se desconhecem os mecanismos de funcionamento, mais se reconhece o poder simbólico. Eles enraízam no corpo através das estruturas de dominação estruturadas social e historicamente. "É portanto um poder invisível que se exerce pela cumplicidade daqueles que não querem saber que eles estão sujeitos ou mesmo que exercem" (Bourdieu, 2001B, p.7,8 apud Monteiro, 2021, p.95)

O poder simbólico está presente no momento histórico e de mudanças muito significativas da vida da Igreja católica em nosso país. Essa, quando do final do padroado, vai reorganizar as suas estruturas estruturantes, por sua natureza sutil, porém penetrante, na sociedade.

Pierre Bourdieu sugere que o poder simbólico é mais eficaz quando está oculto, quando as pessoas não estão plenamente conscientes de sua existência ou de sua influência sobre elas. Isso é porque, ao contrário do poder político ou econômico, que muitas vezes é visível e tangível, o poder simbólico opera através de sistemas de significado, crenças e valores que moldam as percepções e comportamentos das pessoas de maneira mais discreta.

A ideia de que o poder simbólico só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele é particularmente intrigante. Isso sugere que, mesmo quando as pessoas são subjugadas por sistemas simbólicos de poder, elas podem não reconhecer sua própria submissão. Pode ser que elas internalizem esses sistemas como naturais ou legítimos, mesmo que, em essência, sejam opressivos. Essa dinâmica complexa

revela como o poder simbólico pode ser profundamente arraigado nas estruturas sociais e culturais, perpetuando-se através da conformidade e da falta de questionamento. Ele opera em lugares onde é menos visível, onde as pessoas são mais propensas a ignorá-lo. Isso ressalta a importância da reflexão crítica e da análise das estruturas sociais para identificar e desafiar formas de poder que podem passar despercebidas. Ao reconhecer e expor o poder simbólico, as pessoas podem iniciar processos de emancipação e resistência, buscando redefinir as narrativas e os significados que moldam suas vidas.

Esses três conceitos: campo, habitus e poder simbólico, juntos descortina uma melhor compreensão do campo religioso brasileiro no final do século XIX. Todos esses conceitos foi o que levou a examinar de perto as complexidades do processo enfrentado pela igreja, e a reconhecer a necessidade de pesquisar as mudanças ocorridas no cerne da história do Brasil, mais especificamente, na história da Igreja Católica do Brasil no final do século XIX e no início do século XX. Como veremos a seguir de que forma esse conceito estava presente:

(...) por isso, o conceito de poder, entre suas numerosas quanto díspares definições, é subentendido como a capacidade de controlar indivíduos, eventos ou recursos, sejam eles reais ou simbólicos. Neste caso, sob o binômio salvação e condenação, o poder na religião é exercido por meio de recursos e instrumentos simbólicos que supõe definir condições nesta e na outra vida e que, à vista disso, é classificado de poder simbólico. (Pereira, 2008, p.82)

Esses instrumentos que aparentemente não aparecem como interventores na vida social, visto que suas aplicações são realizadas de forma pueril e passadas nas entrelinhas dos discursos e códigos, sendo esses legitimados pela autoridade do agente envolvidos na manutenção desse poder “[...] dessa maneira, é um poder legitimado”. A crença de que os bispos e padres são homens dotados de poderes especiais que controlam a Igreja e a entrada no reino dos céus faz deles líderes sagrados cujas ordens devem ser obedecidas. [...] (Pereira, 2008, p.84). Essa submissão se dará nas várias instâncias da vida social. Segundo José Carlos Pereira essa maneira de a religião exercer seu poder sobre o indivíduo não deve ser entendido como empecilho para ele, mas aprimora sua vida social em vários âmbitos, conforme ele cita:

[...] Enfim, a religião, longe de representar um aditamento inútil, ou até mesmo um empecilho à vida social, exerce influência psicológica, de modo a fazer

com que os fiéis confiem no êxito dos sacramentos, como também nas suas orações e práticas rituais, melhorando, assim, suas relações sociais. [...] (Pereira, 2008, p.85)

Nesse sentido percebemos que o trabalho dos salesianos trazia a proposta de melhoramento do homem na sociedade, a partir da junção religião, educação e trabalho. Não deixando de lado os símbolos e ritos da igreja, mas ressignificando-os de forma a atender os novos desafios do mundo moderno o próprio termo 'amorivolessa' criado por Dom Bosco exprime uma nova maneira de evangelização que diferente dos anos iniciais da colonização no Brasil colônia, que usava cruz e a espada, agora juntava o Carisma salesiano, a missão de pregar, mas a um público diferente, para os jovens, "Baseava-se todo ele na tríade inseparável da Razão, da Religião e do Amorevolezza. Por isso excluía todo o castigo violento e procurava o evitar até os próprios castigos leves". (Isau, 2006, p. 8).

Retornando ao conceito de poder simbólico cunhado pelo sociólogo francês Bourdieu. Há, segundo ele, um poder que se deixa ver menos ou que é até mesmo invisível. Esse poder, que se exerce pela ausência de importância dada a sua existência, poder ignorado, que fundamenta e movimenta uma série de outros poderes e atos. O poder que está por trás, escondido nas entrelinhas e que é cunhado com este propósito. Quando reconhecido, estamos diante do poder simbólico, denomina "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 1989, p. 7).

"O poder simbólico não é estabelecido por armas, a força. Uma instituição ou um grupo que detém o poder simbólico possui uma série de instrumentos que são mais ideológicos, do que propriamente materiais. O discurso, códigos de conduta, formas de julgamento são alguns instrumentos possuídos por quem detém este tipo de poder também é um poder que legitima a dominação de uma classe sobre outra". (Silveira, 2017, p.01)

Os elementos que deram garantia à igreja da manutenção desse poder simbólico foram redimensionados a cada tempo. No caso da segunda metade do século XIX, quando se dará impulso à igreja para manter seu poder simbólico, será às ideias liberais, elas chegaram

no final do século XVIII e na segunda metade do XIX elas estavam bem mais fortes, que se deram por conta das revoluções liberais na Europa e nos Estados Unidos. Nesse contexto vimos que o sinal de esfacelamento do poder simbólico da igreja estava sendo deteriorado pelos próprios membros do clero que se envolveram, nas revoluções do Brasil.

O Estado, agora em sintonia com o mundo moderno, começa a programar medidas, leis, que vão de encontro com os interesses da Igreja Católica, como a instalação de cemitérios públicos, liberando assim aquele espaço para todos que quisessem pedir enterro naquele cemitério. Ferindo assim os princípios católicos que dizia que em “Campo Santo” só podia ser enterrado os católicos. A urbanização vinha trazendo, para a Igreja novos desafios nas cidades, bem como novas áreas de trabalho evangelístico demandando assim mais força de trabalho. Outro problema como as revoluções durante o império Para tanto os bispos brasileiros reagiram buscando novas formas de estruturar essas estruturas da Igreja Brasileira:

Em 1872 um discípulo de D. Viçoso, o bispo do Rio de Janeiro D. Lacerda, sob orientação da Santa Sé, iniciou uma campanha contra a maçonaria, com o apoio de D. Macedo da Costa, bispo do Pará, e de Dom Vital de Oliveira, de Pernambuco. Os dois lançaram interdito às irmandades religiosas, que contrariando as decisões episcopais, mantinham membros maçons. Essas confrarias religiosas aproveitando-se do regime do padroado ainda vigente apelaram para D. Pedro II e o governo acabou decretando a prisão dos dois bispos (Azzi, 1982, p.16).

Esse texto mostra que a atitude dos bispos estava bem fundamentada na tese de que a igreja já não estava mais, reagindo às adversidades do campo de atuação, parecia que os eufemismos que impedia a Igreja mostrar seu poder simbólico àqueles que a ele estavam submetidos conforme BOURDIEU (2007):

“[...] o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante à verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico [...]” (Pierre, 2007, p.13)

Agora já estava translúcido, aparente; os problemas internos da Igreja, estavam desestruturando as estruturas do poder simbólico. Os bispos, representando partículas dessas estruturas estruturalizantes reagiram em prol de implementar novas estratégias, que para além das questões internas, temos aí aspectos externos, por isso Devemos levar em consideração que os aspectos filosóficos da época influíram nas tomadas de decisão dos clérigos, que são muito importantes serem analisados visto que estamos falando da década de 1870 uma geração de intelectuais que nela os aspectos humanistas estavam bem presente como fica expresso no texto abaixo:

O final do século XIX no Brasil, principalmente a partir de 1870, foi marcado por ideias reformadoras. O liberalismo, o positivismo, o cientificismo, entre outras correntes, tinham como base a razão, colocando-se em oposição ao modelo tradicional, aos grupos e a tudo que bloqueava ou tentava, de alguma forma, impedir sua expansão. Essas novas ideias trouxeram inúmeros debates e questionamentos acerca da união entre a Igreja e o Estado. Nesse contexto, a Geração de 1870 defendeu o posicionamento de que o país só alcançaria o progresso se a longa aliança entre o poder temporal e o espiritual fosse rompida. Ou seja, os modernizadores desejavam a laicização do Estado, ao lado da emergência da liberdade de consciência e de atuação. (de Souza. 2013 p. 53).

Nesse clima de ideias em movimento era necessário saber que os ventos já não soprava na mesma direção de antes, toda essa atmosfera parecia girar em torno de um ambiente onde o principal objetivo era retirar a igreja do centro das decisões “O que se defendia era que a religião deveria deixar a esfera pública e transferir-se para a esfera privada, permitindo ao indivíduo a possibilidade de escolha, e não mais a imposição. [...]” (de Souza. 2013 p. 53). Para o indivíduo a religião não era mais o fator decisivo para a humanidade “Na visão moderna, a religião passou a ser uma das diversas interpretações da vida, devendo deixar de interferir diretamente na esfera pública” (Randolph Paiva, 1999, p. 7-8 apud de Souza 2013, p. 55.). O indivíduo moderno passa a ser: “legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com eles forma, de determinar as orientações que pretendem dar ao mundo que rodeia” (Hervieu-Léger, 2009, p. 32-33 apud de Souza, 2013, p. 55). Essa independência do homem moderno é outro elemento de dilapidação do discurso da igreja, em relação a submissão às suas autoridades.

[...] o católico vivia sua religiosidade em atitude de distanciamento das coisas do mundo – e o catolicismo ibérico era o que melhor podia representar a manutenção de um mundo mágico a ser valorizado em relação a um mundo terreno que deveria ser rejeitado [...] (Randolpho Paiva, 1999, p. 40)

Esse novo homem, agora, é senhor de si, o mundo mágico e “os antigos ritos religioso”, esses que mantinham o poder simbólico da igreja quase que indelével, agora pareciam não, mas fazer sentido haja vista que o relógio de Deus foi trocado pelo relógio de bolso da revolução industrial.

A Igreja Católica conseguiu ao longo do tempo manter seu poder simbólico de forma muito extraordinária. Agora ela amoldar-se “[...] isso porque a IC construiu, desconstruiu e reconstruiu toda uma ordem de ideologias, discursos, ritos, trabalhos que foi se adaptando, conforme as demandas de cada tempo histórico [...].” (Silveira, 2017, p.02).

Nesse sentido os bispos brasileiros, sabendo de todos os itens supracitados, dos problemas com as antigas confrarias, sabendo da indisposição do Estado quanto à própria igreja, ficando claro que o padroado ruiria e que também pesava o fato de alguns dos prelados já teriam sido encarcerados pelo próprio Estado, na ‘Questão Religiosa’, eles tiveram que agir. Foi a partir do bispo do Rio de Janeiro de D. Maria Lacerda, trabalhou para que acontecesse uma renovação das estruturas ideológicas dessa igreja que já não mais respondia aos interesses desses homens modernos. A igreja não conseguia atender aos anseios de grande parte da população que sofria e cobrava diversas demandas sociais Para a ela, dentre vários problemas exigidos destacamos o caso do abandono de crianças expostas nas ruas das principais cidades do país, nesse sentido D. Maria Lacerda compreendia que precisava renovar os quadros de prelados, mas também agora com ordens religiosas que atendessem aos novos desafios enfrentados pela Igreja. E foi da intercessão de D. Lacerda que os salesianos decidiram implantar sua obra no Brasil.

Em 1877, juntamente com o bispo do Pará, D. Macedo da Costa, D. Lacerda esteve em Roma, à frente de uma peregrinação brasileira organizada por ocasião das

festas cinquentenárias do episcopado de Pio IX, foi exatamente nos salões do Vaticano que o prelado do Rio teve a oportunidade de encontrar-se pela primeira vez com Dom Bosco. Nessa ocasião oficializou o pedido de que os salesianos viessem fundar uma obra em sua diocese. (Azzi, 1982, p. 19).

Ainda segundo Riolando Azzi, D. Lacerda escrevia cartas dramáticas para Dom Bosco como foi o caso de uma que ele escreveu dizendo “Oh! esperanças perdidas. E não serão filhos meus os filhos de Dom Bosco?... Adeus, pois, caríssimos salesianos meus. Meus?... Foi um sonho, um raio de esperança que se desfez, desvaneceu-se no largo espaço de quatro anos”. (Azzi, 1982, p. 19). Essa fala se deu vários anos depois do encontro do bispo com Dom Bosco. O bispo conheceu o trabalho que este estava realizando na Europa. Dom Lacerda: daí o porquê ele tanto alardeou aqui no Brasil o que ele viu lá em Turim, como forma de propagar o nome de Dom Bosco:

Lá vimos em Turim maravilhas quase incrível, mas raríssimas... Nesse terreno de Valdocco, ainda a pouco quase deserto e couto de vagabundos e vadios turbulentos, levanta-se hoje um belíssimo templo *Della Madonna Ausiliatrice*, isto é, de Nossa Senhora do Auxílio do Cristão, um dos mais belos e suntuosos de Turim [...] vimos e percorremos mais de uma vez as oficinas de sapateiro, marceneiro, ferreiro, carpinteiro, alfaiate, encadernador de livros, tipógrafo, compositor; vimos sim os prelos a vapor, a fundição de tipos e estamperia de música e numerosas obras ali impressas em diferentes línguas, latina, grega, italiana etc.(Azzi, 1982, p. 64).

Essa propaganda que o bispo do Rio de Janeiro estava fazendo caracteriza um encaminhamento da Igreja para uma nova perspectiva de mudança nas ações que viriam. Percebemos que ele cita várias profissões ensinadas lá em Turim, já era o novo modelo de ação da Igreja. Vale ressaltar que os salesianos renovaram os ritos de evangelização, antes as catequeses eram feitas a partir de leituras de manuais e missas, que muitas vezes monótonas. Já no caso dos salesianos a sua missão estava centrada nos jovens, esse seria levado a ao conhecimento de Deus através do aprendizado de uma profissão, dentro do oratório festivo, os jovens teriam a educação de forma ‘integral’, podemos ver no texto acima que eles recebiam as aulas de marcenaria como diversas profissões, mas também de arte como música, o grego entre outros:

Ali também se estuda o grego, e se tem apresentado nessa língua algumas composições dramáticas; ali é cultivada a língua de Virgílio e Cícero; ali floresce o estudo das ciências maiores, além da poesia e da arte de declamar. (Azzi, 1982, p. 64).

O catecismo de Dom Bosco era a mensagem propalada por Dom Lacerda, era clara, precisamos de mudanças profundas em todos os espaços de nossa sociedade. Sobre a égide da industrialização essa proposta parecia ideal para convencer a sociedade brasileira, quase laicizada e liberal, de que era possível voltar a acreditar na igreja. Lembrando também que para Dom Lacerda estava muito claro que havia uma classe que mesmo sabendo da necessidade de mão de obra especializada, essa nova classe social estava mais afeita aos cargos mais altos da sociedade e não estava disposta a colocar seus filhos no trabalho braçal, dessa forma o bispo narra “[...] vimos em Turim dois frentados colégios salesianos, um em Valsalice para moços de famílias distintas, outro em Lanzo com 300 alunos internos de diferentes classes sociais” (Azzi, 1982, p. 65). A ação do bispo era referendar uma proposta que atingisse todas as classes sociais a partir da ação dos salesianos, como ele falou que os salesianos também educavam as classes mais abastadas da Europa, por isso ele citou, também, o ensino da língua clássica, que era ensinado no oratório.

Também vamos destacar as ações de Dom Macedo da Costa, que teve grande importância no trabalho de manutenção e reafirmação do poder simbólico da Igreja Católica preparando o terreno para aplicar as mudanças necessárias.

Neste percurso de transformações políticas e religiosas nas primeiras décadas da jovem República, destacamos o importante papel de Dom Antônio Macedo Costa, a quem teve como responsabilidade a condução da reforma ultramontana na República laica, tendo como objetivo fortalecer a Igreja para que esta pudesse se relacionar com o Estado laico. Para isso, D. Macedo Costa elaborou algumas estratégias, a primeira delas foi a formação do clero, depois a elaboração de cartas pastorais cujo conteúdo estava diretamente voltado para o fortalecimento dos valores morais, religiosos e familiares, em seguida vem a criação de uma imprensa católica para que pudessem utilizar suas páginas de jornais em defesa da Igreja e dos seus ensinamentos, assim como para criticar o laicismo republicano, o positivismo, e as religiões protestantes, espíritas e a maçonaria. (Junior, 2015, p.82).

Dom Macedo foi no final do século XIX o grande articulador da Igreja conforme vimos no texto acima ele elaborou todo processo de passagem do padroado para a república, ele também entendia que a igreja devia retomar todos os espaços da sociedade e para isso ela devia ir a nichos da sociedade antes não acessados ou preteridos por ela. Outra estratégia de Dom Macedo o incentivo à igreja trabalhar diretamente com a mídia da época, o que já era feito por Dom Bosco na Itália nas suas publicações que entre elas estava o boletim salesiano, essas publicações estavam ligadas à apologética, “[...] também na igreja do Brasil predominava nesse tempo o espírito polêmico e as publicações salesianas se enquadraram dentro da apologética católica que se implantava e fortalecia no país” (Azzi, 1983, p. 87).

Esses conjuntos de ações da igreja, também, buscava interromper um desmoronamento do poder simbólico da igreja e era preciso a partir dessas ações sensibilizar, naquele momento, todos os católicos a um posicionamento frente às diversas variantes do mundo moderno que fragilizava a igreja:

Sem dúvida, o final do século XIX se esboça para o episcopado, como período de um despertar cristão a fim de defender, restaurar e fazer reflorescer a religião para que a pátria brasileira seja salva. Recorrendo a Carta Pastoral de 1890 percebemos como a religião é constantemente proclamada como remédio eficaz para a cura dos males da pátria. Nada pode salvá-la senão o Evangelho. Quaisquer outras obras humanas como reformas sociais, legislativas, administrativas ou qualquer outro empreendimento são vistas como enganosas. (Junior, 2015, p.82)

Nas ações da igreja católica no final do século XIX e no início do século XX, a igreja reafirma seu poder se alinhando à sociedade propagando entre todas as classes sociais as ideias da neocristandade. O espaço de poder disputado pela igreja agora se configurava com novos adversários; como o protestantismo e o espiritismo e própria condição da sociedade agora sem a escravidão, mas sem condições de acesso as políticas públicas por parte da grande maioria dos brasileiros. É nesse contexto que a igreja convoca os cristãos católicos a enfrentá-la como fala JUNIOR (2015)

Assim, podemos afirmar de que nos primeiros anos da República, a Igreja Católica armou-se de um projeto religioso e ideológico, cuja finalidade era reafirmar seu poder e realinhar-se a sociedade, fazendo brotar o espírito cristão em cada cidadão brasileiro através de diversas ações católicas desenvolvidas inicialmente por Dom Macedo Costa e na sequência por Dom Leme e seus colaboradores leigos e membros do clero. Através do processo de romanização, das ações dos Bispos Reformadores e da utilização das Cartas Pastorais, a Igreja vai buscar assegurar seu lugar neste novo contexto político brasileiro com a implantação da República. (JUNIOR, 2015, p.89)

Tendo visto teoricamente como as estruturas estruturantes da igreja se movimentaram para manter seu poder simbólico analisaremos os Salesianos como agentes de reposicionamento do novo momento da Igreja: fim do Padroado e início da Romanização, pensando essa questão a partir de uma “espiritualidade do trabalho”. Também destacamos o trabalho do padre Júlio Maria que foi um indivíduo que pensou o momento de mudanças da sociedade com relação à igreja. Esse sua postura contribuiu para que a igreja mudasse suas ações em relação à sociedade. Ele percebeu que a igreja e o povo deviam ser uma só:

Este padre falava com grande abertura de espírito, aceitando o ambiente moderno. Foi um vigoroso crítico de um catolicismo que ainda não havia se recuperado de sua crise após o fim do período colonial e que se acostumara com as pompas monárquicas. Desejava uma religião que saísse para a largueza da construção e crítica intelectual diante da modernidade. Com sua pregação, o catolicismo iniciou seu movimento de saída da sacristia, de sua zona de conforto e ganhou as ruas, cidades e estados brasileiros com o objetivo de reorganizar-se e recuperar seu prestígio junto ao povo e ao sistema republicano. (JUNIOR, 2015, p.92).

Ele sabia que a todas as ações toda igreja ainda não surtiu os efeitos desejados para que ela exercesse seu poder simbólico em todos os cantos da sociedade brasileira. Sendo assim ele propõe “[...] o padre Júlio Maria foi o grande símbolo da renascença religiosa do catolicismo brasileiro, cujo grande tema e defesa em seus discursos foram sempre o catolicismo diante da realidade social e sua presença junto ao povo” (JUNIOR, 2015, p.92). Essa presença da igreja junto ao povo se alinharia mais às metas da igreja a partir da *Rerum Novarum* das doutrinas sociais da igreja que tinha em vista principalmente os operários, mas

também as classes mais desfavorecidas. Levando assim a igreja a acessar também esse lastro do tecido social, antes não contemplado por ela.

Neste mesmo sentido, destacamos também o padre Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, ele exerceu o papel de organizador intelectual da igreja, isso porque Leme chamou os intelectuais católicos para a missão de adentrar também nas universidades e meios intelectuais do Brasil. Isso fica claro na carta pastoral onde ele expressa bem:

Já Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra tomou posse da diocese de Olinda em 1916 e no mesmo ano escreveu e divulgou sua primeira Carta Pastoral, cujo conteúdo era dividido em três partes. A primeira parte versava sobre o grande mal e suas causas, trazendo um esboço geral sobre a situação religiosa do Brasil, expunha as causas e preocupações da vida material e da ignorância religiosa; a segunda, trata da extensão da ignorância religiosa no meio intelectual, no qual o arcebispo taxava de intelectuais indiferentes e incrédulos, assim como criticava com dureza a idolatria da ciência, o positivismo brasileiro e exalta os intelectuais católicos. (JUNIOR, 2015,p.93).

Se para o padre Júlio Maria a igreja precisava atingir as camadas de tecidos mais profundas da sociedade, e assim estruturar seu poder simbólico para Dom Leme a congraçamento desse poder estaria completo atingindo as camadas mais altas da sociedade, nos meios intelectuais. Ele também afirmava que o Brasil era um país católico e a igreja devia ter mais influência nos partidos políticos como fala JÚNIOR (2015):

Apesar disso, havia uma incompreensível contradição, isto é, a influência pública do catolicismo era quase nula, pois não havia neste momento presença significativa dos católicos no campo da ação social, na política ou no mundo intelectual. Era preciso recuperar o prestígio da Igreja e restaurar seu poder e influência na vida social, política e religiosa do brasileiro. (JUNIOR, 2015, p.94).

Dom Sebastião Leme seria no século XX o que Dom Macedo foi para a igreja no final do século XIX. No fundo, defendia uma nova cristandade para restabelecer a aliança entre os dois poderes, que deveriam respeitar-se mutuamente na convicção de que ambos seriam beneficiados com esta aproximação, isto é, Igreja e Estado unidos novamente em prol do Brasil e dos brasileiros. Como disse Silveira:

O poder simbólico impregna uma homogeneização da realidade frente aos vários segmentos sociais: “estabelece uma ordem gnoseológica: uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. Assim, a instância social que é requerente do poder simbólico consolida todo um empenho em prol de estabelecer seu próprio “consensus” acerca do sentido, por ela defendido, do mundo social (Silveira, 2017, p. 1021 *apud* BOURDIEU, 1989, pág. 9).

Tendo visto as questões teóricas a respeito dessas análises a partir do método de Pierre Bourdieu no próximo capítulo vamos analisar os Salesianos como agentes de reposicionamento do novo momento da Igreja: fim do Padroado e início da Romanização, pensando essa questão a partir de uma “espiritualidade do trabalho”.

3 TERCEIRO CAPÍTULO: OS SALESIANOS COMO AGENTES DE REPOSICIONAMENTO DO NOVO MOMENTO DA IGREJA

Com o fim do padroado, a Igreja se recondicionou para o novo período de sua história, e nesse novo posicionamento ela trouxe para o Brasil várias congregações e, entre elas, a salesiana. Ela daria um novo impulso à Igreja na reorganização da nova sociedade.

A chegada dos salesianos aqui no Brasil trouxe mudanças, como já foi antecipado aqui neste texto. Eles teriam a missão de evangelizar os jovens abandonados que jaziam nas ruas das cidades brasileiras. Mas lembramos que eles chegaram ao país, principalmente por vontade dos bispos reformadores, que queriam reorganizar a igreja ao modo ultramontano. Os salesianos seriam diferentes das

outras congregações, visto que sua maneira de trabalho estava voltada para uma espiritualidade do trabalho, ou seja, o ensino de uma profissão também voltada para a condição do indivíduo perante Deus, em que se enfatiza o lúdico:

Ao ambiente educativo de Valdocco não faltou a presença do lúdico, presente nas animadas recreações no pátio, nas representações teatrais, nos passeios bem preparados. Também se fala do amor educativo, que está ao lado do temor reverencial e respeito para com o superior que é amigo fraterno e companheiro nos jogos e no trabalho. Mas o amor é mais praticado que teorizado: imanente na presença e solicitude dos educadores, no incansável exercício da assistência e da presença entre os jovens, nas palestras educativas e na convivência dos momentos de recreação no final de semana (Albertini, Rafael Zanata, Fábio dos Santos, and. Celeida Maria Costa de Souza, 2015, p.102 *apud* CASTRO, 2001, p. 14).

Dom Bosco elaborou uma pedagogia voltada para a espiritualidade do trabalho. Nesse sentido seu método de ensino era baseado na religião, a razão e *amorevolezza*, que buscava uma pedagogia diferente da sua época. Seria uma pedagogia do amor, trazendo aos jovens um aprendizado sem castigos ou punições, que trouxesse alegria e, acima de tudo, formasse espiritualmente aqueles jovens, preparando-os para a vida e para além dela.

[...] a atuação de Dom Bosco como educador [...]O gosto das ideias modernas, o desenvolvimento social em atividades extracurriculares, a ausência de castigos físicos, os sentimentos de liberdade e responsabilidade, os exercícios físicos as diferenças individuais, o ambiente de cordialidade e confiança (Azzi, 1982, p.101)

Para Dom Bosco o sistema preventivo era mais eficaz do que o sistema repressivo, que só servia para os adultos, que, na época, tinha plena vigência nos organismos militares. No sistema preventivo de Dom Bosco os superiores devem ser vigilantes preventivamente para com os jovens, “[...] reservava o direito de expandir totalmente sua liberdade nos recreios e nos passeios, correndo, jogando e gritando a vontade” (Azzi, 1982, p.102). Essa atmosfera do oratório acontecia pelo principal objetivo, que era a evangelização dos jovens, que era o carisma salesiano, como já foi explorado no primeiro capítulo desta dissertação. Ainda sobre o pensamento de Dom Bosco também se pode dizer:

Incluem-se aqui todos os grandes valores do Sistema Preventivo: alegria, satisfação pelo dever cumprido, perseverança, sociabilidade, amizade, dedicação, vivacidade, piedade ou vida de oração, capacidade de confiar e de esperar, têmpera nas dificuldades, firmeza em relação aos propósitos ou metas

peçoais, capacidade de se comprometer e generosidade como expressão das boas relações. (Albertini, Rafael Zanata, Fábio dos Santos, e Celeida Maria Costa de Souza, 2015, p.105 *apud* CASTRO, 2002, p. 72). .

Esse sistema preventivo de Dom Bosco era inovador para a época em questão visto que ele trazia múltiplas diferenças na forma e na essência do trabalho com os jovens “adolescentes”. E foi essa nova forma que atraiu quase todas as classes em conflitos no Brasil de então, como foi na ocasião da vinda de Dom Lasagna, que aportou no Rio de Janeiro em 27 de maio de 1882. O religioso, num relato ao seu superior, Cagliariere, informa sobre seu encontro com o Imperador: “Fiz uma excursão a Petrópolis. Consegui ser apresentado ao imperador, com o qual falei mais de uma hora sobre as nossas coisas. Assim também com a imperatriz, e depois à parte, com o sucessor o Conde D’Eu” (Azzi, 1982, p. 62).

Essa visita é muito simbólica, pois, como já foi supracitado, no segundo capítulo dessa dissertação, havia uma nítida divergência entre o Estado e a Igreja Católica, e estava ali Dom Lasagna, o então responsável pelos salesianos na América latina, estava apresentando ao imperador e a sua família sobre os planos dos salesianos no Brasil. O que demonstra que os filhos de Dom Bosco estavam dispostos a uma política de apaziguamento principalmente porque o padroado ainda não havia chegado ao fim. Em outra carta que Lasagna enviou em 24 de novembro, ele relata que o imperador quis saber todos os detalhes sobre a obra salesiana, já existente na América do sul. Dom Pedro II expressou o desejo que eles viessem para sua pátria, como o próprio Lasagna fala:

Depois de informado acerca de nossos oratórios, colégios, escolas profissionais, colônias, missões na Patagônia e nos Pampas, Sumamente satisfeito, exprimiu vivo desejo de ver brevemente transplantada a nossa instituição para seu vasto império prometendo-nos a sua augusta proteção e despedindo-se com maior benevolência e cortesia (Azzi, 1982, p.62).

Nesse sentido é importante saber que os salesianos caminhou junto com o Estado e com a Igreja, apesar dos conflitos, que depois resultaria no fim dessa união entre eles. Mas nem todos estavam dispostos a ajudar os salesianos, que foram recebidos com hostilidades, da imprensa liberal, como mostra o Jornal do Recife de 1883:

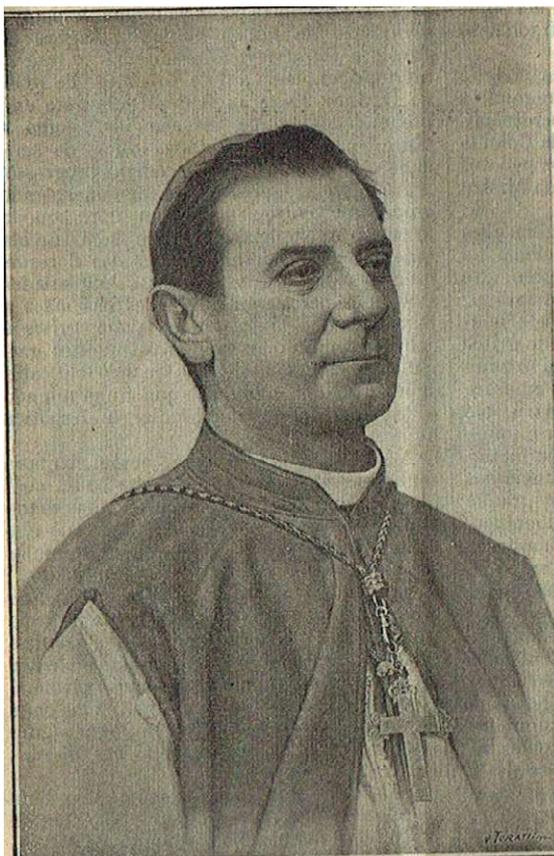
De modo que se faz a guerra no antigo continente, aos Jesuítas e mais salesianos que mudaram de rotulo para mais facilmente alcançar seus fins, é provável que dentro em pouco tenhamos uma formidável imigração [SIC] destes inimigos do progresso, que já consideram o Brasil como terra de

promissão, onde encontraram não só o descanso, mas ainda proteção tal que lhe permitirá apoderar-se moral e materialmente do país. [...] Não só os governos liberais que hostilizam hoje a negra milícia; todas as associações democráticas parecem resolvidas a trabalhar pelo intento comum [sic], que é sua expulsão do continente (jornal do Recife 1883 Pernambuco sábado 22 de dezembro, p. 1, coluna cinco, número 294, ano XXVI)].

De fato os liberais estavam dispostos a enfrentar essa ‘invasão’ dessa nova ordem ao Brasil. o próprio clima de mudanças no país contribui para essa postura. Mas segundo AZZI (1982): “o modelo clerical de igreja inspirado no Concílio Tridentino, encontrava nos Jesuítas, de volta ao Brasil durante o Segundo Reinado, um dos baluartes mais fortes.” (Azzi, 1982, p. 66) Isso incomodava os liberais que via nisso uma intervenção da igreja na vida do país. “quanto aos salesianos, embora fosse uma congregação religiosa distinta da companhia de Jesus, vinham também eles ao Brasil com missão específica de colaborar com o episcopado na consolidação da reforma católica” (Azzi, 1982, p. 66). Estava claro para os liberais que os salesianos em vez de ajudar o progresso eles iriam atrapalhar, como está exposto no jornal acima citado que o progresso do país estava em perigo, houve de fato uma propaganda muito forte contra os salesianos, nos jornais da época.

Os salesianos chegaram ao Brasil no final do Império de D. Pedro II, em 1883, com o beneplácito do Imperador. E apesar dos apelos dos bispos para introduzir seu projeto de manutenção do poder simbólico, da Igreja Católica, havia uma perspectiva bem nítida por parte dos salesianos sobre o ingresso deles no Brasil conforme fala AZZI (1982):

“Lasagna Estava consciente de que o ingresso dos salesianos no Brasil representava um importante passo para a congregação salesiana de Dom Bosco, quer em sua expansão na América Latina, quer em sua missão de conquista religiosa, tal como era entendida naquela época”. (Azzi, 1982, p. 123). Os salesianos se estabeleceram no Rio de Janeiro com objetivo de fundar ali sua obra, o oratório festivo. Eles sabiam que muitas dificuldades seriam enfrentadas principalmente porque outras religiões já haviam adentrado no território brasileiro “Ao se estabelecerem em Niterói, os primeiros salesianos tinham tido a nítida impressão de achar-se em campo inimigo, quer pela presença dos protestantes, que já atuavam nas redondezas, quer pelo forte clima anticlerical dominante naquela época (Azzi, 1982, p.66).



Fonte: Boletim salesiano de 1902

3.1 SALESIANOS O TRABALHO EM PROL DE UMA SOCIEDADE VOLTADA PARA O CATOLICISMO

No dia 9 de dezembro de 1894, seis pessoas, entre padres e noviços da congregação católica dos Salesianos, concluíram uma viagem de 15 dias iniciada na Itália com destino a cidade do Recife. É provável que devido ao adiantado da hora – quando o paquete Galicia atraca os relógios já marcam 11 da noite – os viajantes colocam os pés em terra firme apenas no dia seguinte, 10 de dezembro. (SANTOS, 2023, p.89)

A vinda dos salesianos para o Recife estava atrelada a campanha dos bispos reformadores ultramontanos. Mas devemos ressaltar que essa chegada deles a capital pernambucana se deve em grande parte ao esforço de Carlos Alberto de Menezes, ele nascido em 1855 na de Cantagalo no Rio de Janeiro e morreu em 1904, em Pernambuco. Ele se destacou por seu grande empenho na luta católica nesse Estado, por sua participação nos vários movimentos de manutenção de poder simbólico da Igreja, inclusive no de comemoração do cinquentenário de proclamação

do dogma da Imaculada Conceição de Maria na Diocese de Olinda, onde criou uma nova devoção na periferia da cidade do Recife como fala NETO (2020).

[...] se destacou na arregimentação das forças católicas, particularmente no terreno social. "255 Nasceu na cidade de Cantagalo, no Rio de Janeiro. Ainda nessa cidade, na paróquia de Botafogo, começou como confrade vicentino. Menezes chegou em Pernambuco em 1886 para assumir o cargo de Diretor Gerente da Ferro Carril Pernambuco. Ao chegar, começou a fazer parte da SSVP no estado, assumindo interinamente a presidência do Conselho Particular e se articulando para criar o Conselho Central, criado em 25 de maio de 1887 quando Carlos Alberto de Menezes foi nomeado presidente, cargo que ocupou até 1904, quando faleceu. Ele foi um dos grandes entusiastas da ideia de criar um monumento mariano na cidade de Recife. (Neto, 2020, p.88)

Carlos Alberto Menezes estava ligado principalmente aos Vicentinos

[...] Realço que houve, por parte de Menezes, um envolvimento maior na SSVP no seu último ano (em 1878) de Escola Politécnica do Rio de Janeiro – EPRJ, hoje Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EP/UFRJ. "Todavia, "suas agendas de anotações" indicam que ele já mantinha relações com os vicentinos desde o seu segundo ano do curso de engenharia" (Sá, 2020, p.19).

Essa congregação que trabalhava em favor dos mais necessitados e se espelhava na figura de São Vicente de Paulo conforme fala SÁ (2020):

Na fé e na experiência de São Vicente de Paulo aparece um Cristo-Amor [...]. Um Messias servidor que se configura como servo, fazendo-se semelhante à pessoa humana." Efetivamente, um Cristo prestativo até a sua mortificação na cruz, o "Ungido", que veio para amparar, que observa em todos os postos e patrões uma manifestação de auxílio. Descobrir a base da caridade em São Vicente de Paulo e nos seus discípulos é entender a ação de Cristo na sua escolha pelo amparo aos mais pobres. (Sá,2020, p.19)

Nessa perspectiva, percebemos que a ação de Carlos Alberto de Menezes estava baseada nessa congregação. Desta forma vem aclarar-se as ações dele em relação aos pobres e desprestigiados, ele foi que deu início às ações sociais da igreja em combate ao Comunismo e ao Socialismo NETO (2020):

[...] É importante ressaltar que esta promessa não se concretizou. Embora não detalhe a natureza da menção feita ao movimento socialista pelo prelado, pode-se inferir que foram feitas críticas, dado o posicionamento da Igreja sobre socialismo e comunismo e sobre a condição dos operários expressa na Rerum Novarum por Leão XIII e também pelo modelo de organização cristão do trabalho adotado na Fábrica de Tecidos de Camaragibe quando esta esteve sob o comando de Carlos Alberto de Menezes. (Neto, 2020, p.129)

Neste sentido que Carlos Alberto de Menezes deu sua contribuição às metas da Igreja. Foi ele quem articulou e organizou os católicos pernambucanos em busca do estabelecimento dessas metas. E um dos principais objetivos, começa primeiro na fábrica de tecidos de Camaragibe, segundo Lima:

Fundada no ano de 1900, a Corporação Operária foi considerada o ápice do “plano moral” da fábrica, assim como o designava seu gerente e principal idealizador do projeto, Carlos Alberto de Menezes, e consistia na concessão de benefícios materiais e espirituais aos operários daquela empresa, pertencente à Companhia Industrial Pernambucana (CIPER). A adoção desse plano moral foi concebida como uma parte integrante e indispensável do plano industrial posto em execução na fábrica e estava fundamentado nos princípios enunciados na Encíclica Rerum Novarum, de 1891, do papa Leão XIII, que pretendia apresentar uma solução religiosa para a questão operária por meio da adoção de uma organização cristã do trabalho nas grandes fábricas modernas (LIMA, 2012, p.11).

Segundo Santos (2023) A partir da fábrica foram implementadas medidas a “Rerum Novarum seria uma organização operária pautada em elementos cristãos, em vista da necessidade de manutenção da ordem social, ” de ações da igreja que começou em todo território brasileiro e chegando na região, hoje, metropolitana do Recife na cidade Camaragibe.

No Brasil e no mundo, na segunda metade do século XIX, e o surgimento de um movimento dentro da Igreja em prol de uma maior inserção da instituição nos problemas sociais daquela época, principalmente em relação às condições de vida das massas operárias, que implicou a intensificação da “Doutrina Social da Igreja”. Em consonância com a conjuntura vivenciada pela Igreja Católica no período, a experiência de Camaragibe considerou a necessidade da presença do agente indispensável religioso para a viabilização do projeto, o padre, que teria a função de dirigir diariamente os sacramentos, associações e eventos religiosos no âmbito da fábrica, assim como as escolas voltadas para o atendimento dos operários e seus filhos (LIMA, 2012, p.16).

Os dirigentes da fábrica se cercaram de cuidados que além da presença constante de um padre ministrando os sacramentos eles criaram diversas associações no âmbito interno do ambiente de trabalho como foi o caso de:

Em 1896, foram fundadas as associações religiosas voltadas para os rapazes e meninos, a associação de São Miguel e a de São Luiz Gonzaga. Em 1897, foram criadas as associações voltadas para as mães de família e para as meninas e adolescentes, com a fundação das associações de Santana e Santa Filomena. “E, finalmente, em 1899 foi criado o Clube Dramático dos operários de Camaragibe” Os diretores acreditavam que a organização cristã do trabalho poderia evitar “o terrível mal do socialismo”. (LIMA, 2012, p.27)

Vendo que o trabalho em prol de uma sociedade voltada para o catolicismo naquele contexto de tentativa de reorganização do poder simbólico, surgiram diversas “Congregações religiosas, masculinas e femininas, como os Salesianos, os Maristas e as Irmãs Dorotéia, caracterizadas pela sua dedicação à prática da caridade junto às camadas populares”. (Lima, 2012, p.58). A vinda das congregações para Pernambuco estava ligada a necessidade de exercer a caridade e também a necessidade de socorro aos meninos abandonados nas ruas da cidade do Recife. Essa questão chama a atenção não só dos padres como também dos empresários pernambucanos que viam as ruas da capital cheias deles, além de que infere diretamente no aumento da criminalidade. Essas variantes contribuíram para resultar numa busca mais efetiva dos salesianos para formar um estabelecimento na capital pernambucana, como Fala, ANDRADE (2015):

Nos fins da década de 1880 um grupo de empresários católicos, tanto no Rio como em Pernambuco e na Bahia, bateu-se pela ideia da vinda dos Salesianos ao país. No Rio encontramos o comerciante Guilherme Morrisy, no Recife Carlos Alberto de Menezes e o cooperador Antônio Muniz Machado. O grupo de cidadãos pernambucanos montou um projeto para um Internato de Escolas Profissionais na cidade do Recife. A preocupação dos Irmãos Vicentinos era sobretudo, com a falta de educandários para a formação de meninos órfãos e desamparados que não tiveram a fortuna de nascerem de pais suficientemente abastados (Andrade, 2015, p. 31)

Carlos Alberto Menezes expandiu seu desejo junto à igreja para trazer a congregação salesiana para Pernambuco. Essa mobilização se deu por meio da mídia da época. Como foi o caso também do jornal do Recife que em 1892, em que João Fernando Santiago Esberard⁶, bispo de Olinda, (1892) escreveu um texto sobre os salesianos, citando como foi que surgiu a congregação em Turim com seu padroeiro Dom Bosco, no mesmo texto ele também mostra a necessidade dos católicos trabalharem em prol de uma campanha de esmolas para aquisição e construção de um prédio onde os padres salesianos pudessem ser abrigados e realizarem seus trabalhos.

⁶ João Fernando Santiago Esberard (Barcelona, 10 de outubro de 1843 — Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1897) foi um bispo católico hispano-brasileiro e o primeiro arcebispo do Rio de Janeiro. Nasceu em Barcelona, Espanha, sendo o filho primogênito de Tiago Fernando Esberard, de nacionalidade belga, e de Antônia Esberard, espanhola. Pouco tempo após seu nascimento, sua família mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Aos dez anos, iniciou seus estudos no colégio das Irmãs de Caridade situado à Rua das Marrecas.

“A todos amados diocesanos, mormente aos da cidade do Recife, saudação e paz em Jesus Cristo”. Não há filhos amados, quem não conheça, ao menos de nome, o grande e admirável, o portentoso e santo Dom Bosco. Se alguém ainda não o conhece, então é porque anda inteiramente alheio a todo movimento social desta segunda metade do século XIX. Com efeito, aquele nome bendito, cercado da dupla aureola da fé e da caridade, enche hoje em dia todo mundo católico, desde o tugúrio do operário até no palacete do capitalista, desde a mais humilde sacristia de aldeia até ao mais opulento paço episcopal. O amigo sincero da humanidade pronuncia aquele (SIC) nome com amor, e o pobre, o desditoso pobre, o rediz com lágrimas de entranhada gratidão. Esse venerando homem de Deus sem igual em nossos tempos, é saudado como mimo do céu, um mimo feito á terra pela misericórdia de Deus em meio à desmoralização por toda parte se acentua entre as classes operaria na mesma medonha proporção em que decresce entre elas a luz da fé e se extingue o sentimento das coisas divinas. (ESBERAD, 1892, p. A2)

O bispo Esberard, faz uma explanação breve e concisa sobre a congregação salesiana e seu fundador, bem como do objetivo da vinda deles para o Brasil. Ele mostra um desencantamento em relação ao mundo moderno, neste sentido ele expõe no texto de forma hagiográfica sobre a vida de Dom Bosco. Bem como traz a questão dos costumes cristãos que naquele momento estavam se desfigurando pelo avanço da secularização do mundo de então, e que os salesianos trabalham com os operários e os filhos dos pobres. Nesse aspecto percebemos também a influência da encíclica Rerum Novarum como fala no mesmo jornal. Ainda ele fala que conhece o trabalho dos salesianos, que naquele momento está sendo realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo e que sabe da regularidade das oficinas que lá acontece, como foi descrito no jornal do Recife de 1892:

Lá está em Nietherohy o notável colégio de Santa Rosa, fundado quase que a expressa desse prelado, abrigando cerca de 200 meninos pobres que, sob a direção dos padres salesianos os exercitam no estudo e no trabalho (ESBERAD, 1892, p. A2).

Depois de mostrar as credenciais dos salesianos ele fala que o “Recife, mais feliz que outras cidades não tardarão em possuí-los” (Esberard 1892, p. A2). Esse mesmo texto também foi publicado também no Diário de Pernambuco no dia 10 de junho de 1892, na capa do jornal, o mesmo texto na íntegra. Os salesianos chegaram ao Recife no dia 10 de dezembro de 1894, e eram seis religiosos dirigidos pelo Pe. Lourenço Giordano. Logo em Janeiro de 1895 iniciaram seu apostolado com o oratório festivo e em 11 de fevereiro se iniciava a trajetória do Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração. (ALBUQUERQUE, 2014, p.33)

Carlos Alberto objetivou trazer os salesianos para Recife. Ele começou a trabalhar para isso, em 1889 “contatou com o comerciante Guilherme Morrissy, para que sondasse os religiosos acerca da possibilidade de os mesmos erguerem um colégio da congregação na cidade do Recife. A resposta foi desanimadora” (Calixto, 2023, p.98) isso porque os salesianos só poderiam vir para o Recife três anos mais tarde, o que fez com que Carlos Alberto procurasse o Padre Rua, esse que depois da morte de Dom Bosco o substituiu.

A viagem de Carlos Alberto à Itália se mostraria proveitosa, pois o superior da congregação, Pe. Rua, estabelece o prazo de dois anos para que o futuro colégio do Recife entre em funcionamento. Mas, conforme demonstraria o inspetor Pe. Lasagna, o prazo poderia ser abreviado, tudo iria depender da capacidade dos vicentinos em captar recursos: “deve-se entender este prazo como mais longo e que se pode abreviar se as coisas se desenvolverem favoravelmente”. E com este intuito, Carlos Alberto elaboraria um Projeto de fundação de um asilo para órfãos e desamparados e de escolas profissionais para os meninos pobres na cidade do Recife. O documento foi apresentado no ano de 1891 à sociedade pernambucana, e teria por objetivo captar os recursos iniciais para compra da casa que abrigaria o colégio. (CALIXTO, 2023, p.114,115).

Carlos Alberto organizou todo projeto para a vinda dos salesianos, a sociedade foi mobilizada para uma campanha de arrecadação de doações para aquisição do espaço que os salesianos pudessem começar os seus trabalhos e três anos depois dessa reunião como podemos ver no jornal do Recife Em 29 de junho de 1894 que publicou um texto com o título - Reverendíssimo Salesianos:

Está em vias de efetuar-se a fundação de um colégio para a educação de crianças pobres, sob as vistas da associação dos reverendíssimos salesianos. Os primeiros religiosos a que vem assumir a superintendência do colégio, deveram estar nesta capital nos fins de outubro ou princípios de Novembro (SIC) (SEM AUTOR, Jornal do Recife 29, 06,1894, p.3 seção 2).

A vinda dos salesianos para o Recife havia a muito sendo anunciada pela imprensa pernambucana, a de tendência católica, mas também podemos ver que o trabalho dos salesianos tiveram o reconhecimento também do governo do Estado de Pernambuco como uma obra que de fato poderia ajudar a minimizar os percalços da infância nas ruas da capital e de outras cidades do Estado.

Conhecendo os belíssimos resultados que tem já conseguido em S. Paulo e vão conseguido no Estado do Rio de Janeiro os colégios de Artes e Ofícios mantido pelos Rvdms. P. P. Salesianos e havendo verificado pessoalmente o quanto já tem alcançado a tenacidade e a dedicação desses beneméritos

educadores na fundação de igual instituição nesta capital, resolvi auxiliá-los (SIC) com parte do benefício que à disposição do governo deixa o atual contrato de loterias.

Pareceu-me que o não pequeno número de crianças órfãs e desvalidas que vagam ociosas pelas ruas desta capital e das nossas principais cidades poderá receber nas oficinas, que vão ser montadas no colégio do Mondego, a educação profissional e técnica que os levará aumentar o número de nossos artistas e operários hoje e de dia em dia cada vez mais raros e meros habilitados (José, 1895, Diário de Pernambuco, p.01 Coluna 3,4. sábado 30 de março de 1895. Mensagem do governador Ao Congresso Legislativo no dia 23 de março de 1895).

O governo de Pernambuco abre mão de parte dos lucros da loteria para repassar aos salesianos. Lembrando que já estamos na república e união entre Estado e Igreja Católica, o padroado, já não mais existia. Percebemos que a congregação salesiana continuou sendo cortejado pelo Estado agora republicano, o que se deu pelo desempenho, no trabalho social, da congregação frente às intempéries, que estava no tecido social brasileiro, que muito frágil necessita ainda da Igreja mesmo essa tendo metas, em grande parte dispare, do Estado.

Sobre essa verba de parte da loteria, concedida pelo Estado de Pernambuco, aos salesianos, podemos ver que no dia 22 de agosto, do mesmo ano que foi concedida pelo Governo do Estado,

Padre Lourenço Giordani, diretor do colégio de artes e ofícios a cargo dos padres salesianos, pedindo entrega da quantia R\$ 10.000.000 relativa à subvenção concedida [...] (SIC), (Cordeiro, José, Diário de Pernambuco, 22/08/1895. C. 5,6).

Chama a atenção o fato de ser já mês de agosto e ainda não havia sido entregue a subvenção que devia ser entregue aos salesianos. Um ano antes, em 1894, quando os salesianos ainda não tinham chegado ao Brasil, o P. Miguel Rua alerta ao padre Giordano para começar sem muita preocupação em construir rapidamente uma obra muito grande, exceto se o próprio Carlos Alberto⁷ Menezes assumir todo trabalho. Ele diz que a preocupação principal dos salesianos será o trabalho com o oratório festivo e um pouco de aula durante a semana:

Recomendo-te que desde o início tenhas calma e programes começar devagarinho, devagarinho. Durante o primeiro ano e possivelmente também

⁷ Carlos Alberto era presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo e um dos fundadores da Companhia Industrial Pernambucana, construtora da Fábrica de tecidos de Camaragibe. Um dos objetivos dos dirigentes da fábrica era seguir as normas sociais preconizadas pela Carta papal "Rerum Novarum".

no segundo limitar-se ao Oratório festivo e um pouco de aula, durante a semana, em que se ministre também o ensino do latim aos melhores e capazes. Não dispomos de pessoal e não podemos oferecer-te, a não ser poucos ajudantes que precisarão de assistência, aulas, etc., etc. Não gostaria que por causa de muito trabalho com os alunos descurasses os irmãos. Veremos de boa mente o plano que o senhor Menezes te enviou. Não para começar logo a construção com tuas despesas. Embora se possa iniciar logo, se ele ou outro se encarregar de todo o trabalho e o que for materialmente necessário à obra, como se fosse algo próprio, sem que tu te responsabilizes de nada, a não ser no sentido de sugerir algo que pudesse contribuir para que a construção se tornasse mais adaptada (ANDRADE 2015, p.39 APUD P. Rua, 1894).

Figura 2 - Beato Miguel Rua (esq.) com São João Bosco durante uma visita a Barcelona em 1885



Fonte: Adaptado de (DESRAMAUT, 2010)

3.2 PREOCUPAÇÃO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DE JOVENS

Chama a atenção que o padre Miguel Rua estava preocupado com o ensino mais que com a construção do prédio em si. Isso mostra que os salesianos sabiam qual era sua missão, seu posicionamento na sua vinda para o Brasil, eles compreendiam que a sociedade estava preocupada em cuidar da ‘infância desvalida’ como já foi citado no primeiro capítulo. Mas os salesianos têm um campo para trabalhar aquilo que era mais importante para Dom Bosco, o Carisma salesiano, a evangelização; Em segundo lugar, “[...] Para os salesianos, outro aspecto da formação dos indivíduos pobres é profissionaliza-los, transformando-os em operários qualificados para o mercado de trabalho [...]” (PITILLO, 2017, p.85),

Numa época onde existia a ausência de leis trabalhistas, Dom Bosco estabeleceu relações com jovens empregadores e celebrou com eles contratos de trabalho. Tem pouco a ver com relações trabalhistas.

Dom Bosco não era um santo assistencialista. Ele fez grandes contribuições para o progresso humano. O principal objetivo do seu trabalho missionário foi ajudar os jovens a enfrentar as novas situações da Revolução Industrial e a viver do seu suor. Seu principal desejo era transformar os jovens em cidadãos trabalhadores e bons homens de família. Ele queria que seus jovens tivessem um emprego permanente depois de saírem da sala de aula, educando pessoas boas através da educação religiosa e moral.

Ele fez isso, antes de tudo, para proteger sua liberdade. Estabelecer um contrato de trabalho e proporcionar as condições necessárias para a realização do trabalho... são as preocupações de Dom Bosco. Numa época em que não existiam leis laborais, ele criou empregadores e empregadores jovens para eles e assinou contratos de trabalho com eles. Tem pouco a ver com relações trabalhistas.

Para profissionalizar os jovens, Dom Bosco contratou inicialmente trabalhadores qualificados na cidade e os colocou em suas oficinas com contratos de trabalho assinados por ele e pelo empregador. Montou então uma oficina na própria capela e trouxe trabalhadores qualificados para ensinar o ofício aos jovens, ao mesmo tempo que prestava um serviço à comunidade. Em seguida, contratou especialistas para trabalhar em sua oficina, criando um jogo entre ação e especialização. Finalmente, formou assistentes salesianos para se tornarem educadores em diversas oficinas.

É importante notar que Dom Bosco estava convencido de que a situação social dos jovens poderia ser melhorada “através do estudo”. Para ele, aprender um ofício era apenas um meio de ganhar a vida e nada mais. Dom Bosco não iria mandar o jovem para a oficina se pudesse ter seguido um caminho diferente. Assim, na década de 1850, havia mais estudantes do que aprendizes.

Mais oficinas e profissões. Muitas delas serviram elas próprias como capelas durante a ampliação do edifício. Isso inclui fabricação de calçados, alfaiataria, encadernação de livros, carpintaria, tipografia, ferreiros, serralheiros, carpinteiros, padeiros, livrarias, encadernadores, compositores, impressores, modistas, músicos, artistas, fundições de tipos, oficina de fabricante de giz grafite entre outras ocupações.

A presença dos auxiliares salesianos é particularmente notável do ponto de vista da formação profissional. A sua vocação e a sua presença na Família Salesiana são fruto de uma profunda compreensão da espiritualidade da vocação dos leigos.

Contudo, a presença dos frades salesianos se deve à formação profissional e ao desenvolvimento da liderança desta frente missionária.

A tipografia sempre foi “o foco do olhar de Dom Bosco”. Esta oficina serviu para difundir boas notícias, especialmente através de leituras católicas. A tipografia será mais desenvolvida do que em outros workshops. Na verdade, após a introdução de máquinas de última geração em 1883, tornou-se a fábrica mais equipada de Turim. Isto foi uma prova da dedicação de Dom Bosco ao “apostolado da imprensa” e não à formação de impressores para a indústria.

Além resgatar jovens em vulnerabilidade social, a doutrina salesiana estava em guerra com o comunismo, espiritismo e os protestantes. Essa congregação era habilitada na educação de crianças menos prestigiadas e também as mais privilegiadas, para esses últimos o padre Miguel Rua destaca no texto acima que o padre Giordano observasse os meninos ‘em que se ministre também o ensino do latim aos melhores e capazes, esse pedido nos leva ir muito além das linhas escritas na carta. Isso porque não é só um pedido, mas aí está implícito todo arcabouço da obra salesiana em nosso país. Como disse BRAIDO (2008) “Ninguém é admitido a estudar latim se não tiver vontade de abraçar o estado eclesiástico, deixando-se, porém, livre de seguir sua vocação tendo feito o curso de latinidade” (Braido, 2008 p.311), os salesianos estavam afeitos a seguir o projeto de profissionalização em outros lugares, mas também formar jovens para o ministério, como o próprio Dom Bosco fez lá na Itália com os jovens por ele catequizado, como foi o caso do próprio Miguel Rua⁸:

Miguel, com a idade de 13 anos, no início do verão de 1850, começou a frequentar as aulas de latim para a admissão à classe de “gramática”, sob a orientação de Dom Bosco, que o observava porque esperava fazer dele, no futuro, um colaborador do seu apostolado. (Desramaut, 2010, p.25)

⁸ O Pe. Miguel Rúa, nasceu em Valdocco, uma vizinhança pobre nos subúrbios da cidade de Turim. Ele era o mais novo de nove filhos de Giovanni Battista e Giovanna Maria Rua. Seu pai, que era o supervisor de uma fábrica de armamentos na cidade, morreu em 2 de agosto de 1854. Ele passou então a viver com a sua mãe no apartamento da família na fábrica, que ela conseguiu manter, e que a tomou como empregada. O jovem Miguel estudou numa escola dirigida pelos Irmãos da Escolas Cristãs.

Não muito depois, o jovem Rúa conheceu Dom João Bosco, um jovem padre que estava trabalhando para melhorar a vida das crianças da região e que tinha acabado de construir um oratório dedicado a São Francisco de Sales em Valdocco. Quando ele tinha uns 10 anos de idade, Bosco disse a ele: “Nós dois vamos dividir tudo em nossas vidas - tristezas, alegrias, trabalho”[2]. Miguel foi um dos primeiros com quem Bosco dividiu sua ideia de formar uma sociedade salesiana. Em 1852, com quinze anos, ele se juntou ao oratório de Dom Bosco para completar ali a sua educação.

Observando cronologicamente conseguimos compreender os efeitos dos trabalhos da congregação salesiana como foi o caso do Jornal “A Rua Seminário Ilustrado” do dia 14 de dezembro de 1903 na coluna “Noticia de ultima Hora” que faz o seguinte relato:

Com igual satisfação admiramos os trabalhos executados no colégio salesiano pelos alunos do mesmo, trabalhos que patenteiam o aproveitamento dos meninos confiados á competência e a boa vontade do virtuoso padre que dirige aquele estabelecimento de educação. Produtos de sapataria, alfaiataria tipografia e encadernação, todos bem acabados, justificarão, perante quem quer que visite a exposição do Lyceu, a forma por que nos referimos ao aludido colégio. (SEM AUTOR, Jornal A Rua Seminário Ilustrado, 1903 p. 2, 5C e 6A).

Neste jornal vemos que os trabalhos dos salesianos já estão em andamento. O texto fala da inauguração do Lyceu de Artes e Ofícios e há um elogio do jornal aos salesianos. Percebemos que o trabalho dos salesianos reiniciou um novo tipo de missão da igreja frente aos desafios do próprio mundo moderno, visto que a igreja saiu de seus muros e adentrou a novos espaços, Os salesianos fundaram no dia 11 de fevereiro de 1895 o Colégio Salesiano de Artes e Ofícios Sagrado Coração, nesse colégio eles ofereceram cursos para alunos externos e internos, os primeiros recebiam atendimento e voltavam para suas casas, os internos eram, em sua maioria, os alunos que estavam abandonados nas ruas do Recife. Também os salesianos abriram a escola agrícola em Jaboatão no ano de 1900, também conhecida como colônia dos padres. Essa colônia estava voltada para o ensino da atividades agrícolas, ela também servia também de noviciado. Nas oficinas do colégio Sagrado Coração no Recife abriram os cursos de: marcenaria, sapataria, alfaiataria, mecânica e tipografia, essa não havia em Recife. O boletim salesiano de Março de 1908 mostra muito bem o tipo dos trabalhos que estavam sendo realizados pelos salesianos quando foi dado um discurso pelos alunos do colégio sagrado coração do Recife, de diversas turmas:

[...] Seguiram-se com palavras diversas representantes dos annos (SIC) do curso, proferindo discursos de saudação em francez, inglez, allmão, latim e grego, o que despertava nos assistente admiração entusiasmo que se traduziam em calorosos applausos [...]. (Notícia de Aquém e Além Mar Boletim (Recife, Pernambuco) Festa Íntima, Boletim Salesiano, Turim, ano 7, V II, p. 753, mar. 1908A).

Nessa ocasião houve muitos aplausos dos que ali estavam e nessa perspectiva que entendemos o trabalho dos salesianos na cidade do Recife eles deram atendimento aos jovens em situação de vulnerabilidade social, oferecendo-os um lugar “onde o filho do pobre a partir do trabalho dos salesianos pode moldar-se nos princípios de uma educação baseada na religião e pela aprendizagem de um ofício contribuiu com a formação de seus destinatários. Com isso, a missão salesiana adquire contornos importantes e vastos em sua missão educativa e evangelizadora. As condições precárias de vida de várias gerações neste nosso Brasil, principalmente no Nordeste, limitavam as perspectivas dos menos desfavorecidos como era o caso de nossa população que grande parte delas, egressas do sistema escravagista estavam que sem condições de custear uma profissão e muitas vezes de conseguir aprender as primeiras letras, eles encontraram nos oratórios amparo, abrigo, comida e uma profissão. Dando a esses miúdos novas perspectivas. “As incertezas tornavam-se certezas de dias melhores.

Os salesianos em Recife:

Enfim começa os trabalhos: os trabalhos dos salesianos começam em 1895 em janeiro dia 6 isso no domingo, esse fato foi relatado no jornal do Recife na quarta feira dia 06 de fevereiro:

Esse collegio dirigido pelos padres Salesianos tem por fim principal recolher orphãos ou meninos desamparados e pobre para educal-os christãmente,(SIC), instruil-os nas letras e ensinar-lhes alguma arte e officio, formando d’elles honestos e habeis operarios.(Sem Autor: Do Collegio de Artes e Officio do Sagrado Coração, Jornal do Recife dia 6 de fevereiro 1895, p. 4, 2ª seção)

Ainda na 2ª sessão do mesmo jornal ele continua falando dos critérios de aceitação dos jovens;

Condições de admissão; O menino deverá: 1º ter ao menos 9 annos completos e não mais que 13, 2º gosar de bôa saúde e não ter defeitos que o impossibilitem de aprender um officio e de seguir regra commum: 3º ser orphão ou

menino abandonado; ter um protector 5º acabar o tempo de sua aprendizagem, não sendo retirado pelos parentes ou benfeitor senão no prazo fixado pelo director excepto pagando as despesas feita até aquela data. São necessarios: 1º certificado de baptismo. 2º atestado de vaccinação e da saúde pelo medico (SIC) da casa. 3º atestado de orphandade e de pobreza. É bom apresentar o certificado de bôa conducta pelo vigario ou pelos mestres. alem dos orphãos e meninos desamparados, o collegio de artes e officios recebe tambem com as mesmas condições, outros meninos que desejarem ter a mesma educação profissional [...].(Sem Autor: Do Collegio de Artes e Officio do Sagrado Coração, Jornal do Recife dia 6 de fevereiro 1895, p. 4, 2ª seção)

Podemos notar que mesmo para o jovem ser apto ser aluno do colégio salesiano havia uma série de requisitos a ser preenchidos como ter a saúde em dias o que era bem difícil para aqueles que jaziam abandonados pelas ruas do Recife visto que para todos a questão de saúde era muito complexa dados que já fora expresso aqui nesta dissertação quando falamos do abandono de crianças nas ruas do Recife, outro impedimento seria o certificado de batismo da criança o que era também difícil visto, que havia a possibilidade de muitas dessas crianças órfãs não serem batizadas. temos aí então, as características dos alunos que se esperava tê-los nas oficinas de artes e ofícios. Na mesma coluna do jornal vemos que esse também relata que os salesianos estavam também com matrículas abertas para os alunos que não fosse órfão, nesse caso os mais abastados.

Já tendo os salesianos aprendido um pouco de português, eles dão início ao trabalho com os meninos. O nome do Oratório era campo de apostolado inicial de Dom Bosco. A inauguração do colégio, a 07 de fevereiro do mesmo ano recebeu seus primeiros alunos, a presença de vários alunos como os filhos do benfeitor Carlos Alberto Menezes; Luiz Gonzaga de Menezes e Camilo maria de Menezes e também o primeiro aluno Eduardo Valois Correia, esse era gratuito. A inauguração se deu no dia 10 do mesmo mês com uma missa solene do Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração, foi um dia festivo diversas autoridades estavam presentes, desde as religiosas como também as civis como foi o caso do

governador de Pernambuco como fala OLIVEIRA, (2006) Ao meio dia, o colégio foi honrado com a visita do governador Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, nessa visita o governador quis saber mais sobre aquela obra assim como assim com reservou lei orçamentária para ajuda pública ao colégio. Naquele ano os salesianos continuaram o projeto a que foram chamados:

Já em maio de 1895 os salesianos meteram à ampliação da capela, que se tornara pequena para a frequência ordinária dos fieis Ponto Por esse motivo a festa de Nossa Senhora Auxiliadora foi transferida para o dia 24 de junho. Neste dia devidamente solenizado alguns alunos preparados com um tríduo, exercício religioso dirigido pelo P. Giordano Com duas prédicas durante o dia, fizeram a primeira comunhão na missa da comunidade na capela forrada, decorada e ampliada. (Oliveira, 2026, p. 76)

Como mostra o texto, os salesianos foram descortinando as dificuldades do dia a dia deles. Devemos lembrar que neste mesmo ano foram acrisolados com a morte do bispo D. Luiz Lasagna no dia 06 de novembro de 1895, em Minas Gerais, essa notícia abalou toda a América do sul bem como também foi noticiado na Europa, Lasagna foi o responsável pela chegada dos salesianos em toda a América, ele quem intermediou todo processo ainda quando Dom Bosco estava vivo, depois com Dom Rua, ele fez todo reconhecimento do território brasileiro bem como a chegada dos salesianos no Recife. Esse acidente deixaria o Pe. Giordano, ele diretor do colégio salesiano do Recife, ficou muito abalado de tal forma que entre outras variantes que estavam atuando como a própria situação insalubre de Recife levou-o a adoecer, Dom Lasagna fora professor de Giordano. Em 27 de novembro do mesmo ano chegaram da Itália dois clérigos, dois coadjutores, um carpinteiro e um encadernador. no mês seguinte chegou outro coadjutor José Garino e o Irmão Carlos, esse mecânico. a chegada desse reforço animou o Pe. Giordano, segundo OLIVEIRA (2026): a condição de saúde do salesianos no geral não estava boa visto que no ano seguinte eles tiveram que parar os trabalhos porque que com “[...] recaída do diretor e a doença alguns salesianos obrigaram a feriar os dias de Carnaval” (Oliveira, 2026, p. 80). Sobre a questão dos problemas de saúde dos salesianos Antenor de Andrade Silva em seu livro História da Inspeção salesiana do Nordeste, fala das cartas enviadas a Roma pelos salesianos que aqui estavam:

O diretor do Recife vive angustiado, abatido pelas doenças e outros tipos de contrariedades. O que ainda o conforta é a espera dos irmãos que virão proximo da Itália. A situação tem causado estragos também na economia

fazendo muitos buracos. As tais doenças palustres, ou febres, atacam desta vez estômago e pulmões do P. L. Giordano. Não podia ler, escrever ou aplicar-se (SIC) em coisa nenhuma. Consultou-se com quatro médicos, um dos quais recomendou que devia continuar passando as noites fora do Recife. Vai mais uma vez para Camaragibe. A poluição das águas recifenses atribuía-se às tubulações precárias da cidade. Este fato foi mais tarde reconhecido como o real causador dos males. É possível também que os manguezais da chamada Ilha do Leite e que ladeavam o terreno, tivessem alguma influência na saúde dos que habitavam a casa do Mondego. Precisamente no muro, a Leste do atual parque aquático do colégio que separa a piscina do terreno vizinho, ficava um pequeno ancoradouro, em meio a terrenos infectos. Ali aportavam os barcos que subiam ou desciam pelo Capibaribe, trazendo os mantimentos para o colégio. Hoje tudo aquilo está saneado, coberto de asfalto e com belas mansões. A problemática sanitária dos arredores do Mondego reforçou a ideia de se adquirir um outro local nas imediações do Recife, onde os salesianos pudessem se refugiar dos malefícios ambientais da capital. Partiu-se assim para adquirir a área, onde se fundou a Escola Agrícola S. Sebastião, município de Jaboatão, 200 a cerca de 19 km. do centro recifense.(Silva, 2015, p. 52)

Essas condições insalubres já era falada pelos viajantes que por aqui passaram em meados do século XIX como foi o caso do médico George Gardner que fala dessa condição como muito ruim para quem morava na cidade do Recife:

Gardner é enfático ao dizer que a cidade não seria recomendável para estabelecer moradia. As ruas eram tão sujas quanto às da corte, Denotando que os problemas naturais eram compartilhados de modo geral por toda as grandes cidades do período. Outro problema era agravado durante a estação chuvosa pois está situada no nível do mar, a cidade tornava-se praticamente intransitável nesse período. Era durante o período chuvoso que as áreas de manguezais e restingas aterradas recebiam a água da chuva que não tinha mais pra onde correr, transformando ruas e quintais em charcos imundos, Gardner, que também era médico, ficou surpreendido com o baixo número de surto epidêmico, em relação ao número crescente de habitantes e ao estado lastimável de higiene da capital da província (SANTOS, 2009, p. 45).

Essas condições embora o texto acima fosse 50 anos antes da chegada dos salesianos parece que as condições insalubres se agravaram ainda mais no final do século XIX. Podemos ver que as condições adversas que os salesianos enfrentaram denotam um campo muito difícil para o desenvolvimento do trabalho deles na cidade do Recife. Essa variante fez com que o diretor Pe. Giordano viajasse para a Itália, aconselhado pelos médicos em busca de saúde. “[...] a 3 de maio de 1896, de esmola o diretor salesiano embarca alquebrado e cambaleando” (Oliveira, 2006, p. 80). Ele só voltaria de viagem no mês de novembro do mesmo ano, agora acompanhado pelo Pe. Antônio Vellar, clérigo Teófilo Twóz, André Sierkiez, Luiz Fidele e coadjutores Paulo Grasso e Adalberto Urbanowicz.

Em janeiro de 1896, antes da viagem de Pe. Giordano, o então arcebispo do Rio de Janeiro, D. João Esberard chegou ao Recife, depois que chegou de viagem de Roma, ele foi convidado pelo diretor Giordano para “benzer as máquinas e ferramentas de marcenaria e ferraria” (Oliveira, 2006, p. 80). Como podemos ver um ano depois do início das aulas os salesianos estavam montando as oficinas, no mês de maio foi também instalada as oficinas de encadernação e a tipografia.

Em 1897 no colégio salesiano, já são 92 alunos estudantes matriculados e 23 aprendizes, que são alunos das oficinas mas a situação de saúde dos salesianos parece pior. Essa condição parece colaborar com a necessidade de mão de obra especializada no mercado local como foi o caso dos encadernadores como explica o coadjutor Furlani:

[...] Tenho necessidade de que no fim do ano o senhor mande em auxilio um encadernador, não importa se ele seja muito ou pouco capaz. [...] por aqui sabem muito pouco o que seja encadernação[...] o trabalho que fazemos aqui, eles pensam que vem do rio de janeiro. São pouquíssimos os encadernadores, todos empregados e bem pagos; é difícil encontrar um que não esteja ocupado, e fizeram um acordo para não ensinar a ninguém.(Oliveira, 2005, p.84)

Essa foi a condição que os salesianos passaram no início dos trabalhos na cidade do Recife. Com o projeto de romanização em andamento, os salesianos trabalharam cumprindo às coordenadas estabelecidas pelos bispos reformadores. Recife como outras capitais brasileiras receberam os filhos de Dom Bosco e com eles viram também chegar uma nova

espiritualidade do trabalho formando os novos cristãos como explica GIUSEPPE BUCCELLATO (2015) “Bons cristãos e úteis cidadãos... Esta citação explica a inspiração que está na base de uma das sínteses mais características do projeto educativo salesiano”. (Bucellato, 2015, p. 153). Os salesianos trouxeram uma nova maneira de lidar com a evangelização dos jovens pobres. Apesar dos colégios salesianos atender as camadas mais abastadas da sociedade, na fundação da sociedade salesiana ficou bem clara que as principais metas deles era o tecido mais profundo da sociedade, como fala Bucellato:

No primeiro esboço das Regras da Sociedade de S. Francisco de Sales de que dispomos, conhecido como Autógrafo Rua, 31 no início, fala-se das finalidades da nascente Sociedade. São elencadas cinco.³² Em síntese: reunir seus membros para uma vida de perfeição; imitar Jesus; recolher os jovens pobres e abandonados para instruí-los na religião, particularmente nos dias festivos; acolher alguns em casas destinadas a isso e instruí-los numa arte ou ofício; finalmente, fomentar a religião católica também entre os adultos das camadas populares pregando exercícios espirituais e difundindo bons livros. (Bucellato, 2015, p. 36).

Mas como fomentar essa religião em tempos de apatia a ela? Como assegurar que esses miúdos que outrora nas ruas agora mudasse adquirissem novas perspectivas para sua vida futura? Dom Bosco acreditava que todos podiam viver uma vida de santidade mesmo que essa fosse longe dos mosteiros

[...] Podemos resumir sua concepção com uma sua expressão eficaz: trata-se de uma santidade “ao alcance da mão”, isto é, uma santidade acessível a todas as categorias de pessoas, de qualquer idade, cultura ou classe social.

Baseado na concepção de moral de santo Afonso, na humildade e a maneira doce do agir de São Francisco Sales, e na alegria de São Felipe Neri como narra Giuseppe Bucelato:

Sem dúvida, Dom Bosco estava persuadido de que religião e alegria não se contrapõem. Provavelmente também ele tinha a íntima persuasão do que a utilíssima sentença de S. Felipe Neri transmite: Filhos, eu quero que estejais sempre alegres: não quero escrúpulos, nem melancolia; a mim me basta que não cometais pecados. Também em Dom Bosco, melancolia e alegria são justapostas e contrapostas (Bucelato *apud* P. STELLA, 2015, p. 59)

Essa alegria baseava-se no Habitus salesiano que foi ancorado no pensamento de S. Felipe Neri, era um dos pilares da pedagogia salesiana como fala Pedro Braido:

Era ainda, indispensável que o educador fosse ao encontro da insuperável tensão juvenil em busca da felicidade e da necessidade da alegria. Os “objetos de igreja e de recreação” eram constantemente ligados às “funções de igreja” associadas aos “entretenimentos” recreativos e aos “jogos”. No texto apareciam com frequência os termos alegria, satisfação, felicidade, hilaridade, pular, rir; e literalmente: “cantar, correr, saltar e recrear-se”, “saltos, cantos, gritos, tempo livre”. Por isso os jovens encontravam o oratório “seu paraíso terrestre”[...] (Braido, 2008, p. 238)

Essas características da pedagogia salesiana nos remetem à forma das ações realizadas no sistema preventivo de Dom Bosco, cada ação era feita como vimos no texto supracitado cuidadosamente de forma a trazer para os jovens uma atmosfera diferente das ruas sujas e perigosas, cheirando a morte. Esses valores e comportamento alinhado ao fazer, forja nos miúdos características que só é possível perceber através do habitus como fala Monteiro o habitus é entendido como:

Um sistema de disposições gerais que se adapta, por meio de agentes a cada conjuntura específica de ação. O habitus se traduz, assim, pelo *ethos*, que são os valores em estado prático, cultura tornada corpo, [...] o habitus não só permite entender porque as pessoas se vestem ou se alimentam de tal maneira ou praticam tais esportes, mas também a forma que elas se vestem, se alimentam e praticam esportes. (Monteiro, 2018, p.60)

Alinhado ao conceito de habitus de Pierre Bourdieu narrado por Monteiro Oliveira (2005), no seu livro Inspetoria salesiana São Luiz Gonzaga, explica como era esse fazer salesiano, que veio transladado da Europa para o Brasil. E sobre como era o dia dos jovens aqui na cidade do Recife, ele descreve:

O dia começa com uma prece. Ao toque de um vibrante sino, o assistente, que já de pé no seu posto, acorda os alunos batendo palmas e, em seguida brada em alta voz: “Benedicamos Dómino” (Bendigamos ao Senhor!) Ao que todos respondem: “ Deo gratia! ” (Demos graças a Deus) e logo em silencio, cada um faz sua higiene pessoal e arrua sua própria cama, para o que dispões de meia hora. Depois, em cada dormitório, entram os alunos em fila e se dirigem para a igreja (Oliveira, 2005, p.416)

“[...]Sendo o campo espaço da prática, os agentes agem de acordo com as disposições internalizadas a partir da posição e da trajetória” (Monteiro, 2018). Essa internalização a que fala Monteiro é clara no texto supracitado de Oliveira (2005) onde os salesianos seguem regras, parecem já bem internalizadas por eles como as batidas de palmas e em alta voz bradar ‘Benedicamos Dóminos’ e em resposta todos respondem ‘Deo gratia!’ A posição em que os salesianos estavam no campo religioso brasileiro era bem confortável para o traslado, internalização, desse habitus aos miúdos, as crianças que estavam sobre seus cuidados. Devido à grande necessidade do trabalho dessa congregação, o fazer salesiano, não empedernia o coração das autoridades para um questionamento das práticas diárias dessa congregação o que de certa forma foi cômodo, como mostra Oliveira (2005): “No princípio do ano o padre catequista providencia para cada aluno um manual intitulado ‘O Jovem Instruído’ na pratica de seus deveres religioso, escrito pelo próprio Dom Bosco” (Oliveira, 2005, p.416), nessa obra Dom Bosco expõe um programa espiritual para os jovens, onde ele fala; de amor e da alegria de um jovem começar um itinerário de santidade, além de conter cânticos e leituras dos santos. Esse livro é usado nas casas salesianas durante exercícios espirituais.

“Por meio do habitus é possível perceber os estilos de vida e a posição que o indivíduo ocupa, bem como a classe a que pertence [...] Operam no mundo prático como princípio de orientação e incorporação pelos agentes” (Monteiro, 2018, p. 63) nesse sentido podemos compreender que o estilo de vida que o agente tem, acessando valores do grupo, de pessoas vai ser convertido em práticas diárias, pelas práticas do grupo com quem ele convivi “ o que podemos ver no caso das práticas diárias dos alunos no colégio salesiano de Recife

Acompanhados pelos fiéis, os alunos rezam orações de manhã (em latim) que constam no ângelus, com três Ave Maria, Oremus três Gloria Patri, Eu vos adoro, Pater, Ave, Credo, Salve Regina, Ângele Dei. Recitam os mandamentos da Lei de Deus, da igreja, os sacramentos. Seguem-se os atos de fé, de esperança, de caridade de contrição, oração de São Luiz Gonzaga com Pater, Ave, Gloria versículo e Oremus. Continuamos sempre dirigidos por um deles, os alunos rezam o terço do rosário e da ladainha de nossa Senhora. Depois uma ave Maria para

que reine a paz na casa. Um Pater, Ave Maria, Gloria pelos pais, parentes e benfeitores, terminando como a r cita do salmo DE profundis (salmo de piedade matutinas a invoca o do Espirito Santo e uma breve leitura espiritual. Ao todo são cerca de quarenta e cinco minutos do dia que vai clareando, durante os quais o jovem recém-desperto se dedica a adorar, louvar e agradecer a Deus e também pedir-lhe prote o, não somente para si como também para a comunidade, os pais, os parentes, benfeitores e todo o povo cristão, toda a igreja de Deus. (Oliveira, 2005, P. 416, 418)

A missa dos jovens juntos com o público geral sempre foi uma prática dos salesianos, Dom Bosco achava que na missa pública os jovens podiam ter contato com pessoas piedosas frequentavam a igreja. Pensando em um trabalho que visava a intera o dos jovens com o mundo espiritual, percebemos que toda prática deles, nas primeiras horas da manhã, estava voltada para uma a fixa o dos costumes católicos, sabendo que uma parcela dos miúdos eram das ruas e não conheciam os as doutrinas da Igreja e esse trabalho tinha por objetivo a interioriza o do habitus. Podemos também observar que outro fator preponderante no texto supracitado fica evidente a devo o da congrega o   Maria, uma das evidencias da influência de santo Afonso na vida de Dom Bosco, como fala Buccellato, 2015:

No Exercício de devo o   misericórdia de Deus, novamente encontramos súplicas a Maria, claramente inspiradas em S. Afonso, como esta: “  amorosa Mãe das misericórdias, doçura e conforto dos pecadores, fazei com que eu seja atendido, dado que jamais se pediu a Deus alguma graça por vosso intermédio, sem que ela tenha sido concedida”. O texto de Afonso aqui evocado   Prepara o para a morte, onde lemos na 16  Considera o, Da misericórdia de Deus: “  Maria, minha esperança, v s sois a mãe da misericórdia, pedi a Deus por mim e tende piedade de mim”(Buccellato, 2015, p. 124).

Segundo Buccellato (2005) em seu livro Raizes da Espiritualidade de São João Bosco, esse aspecto da devo o de Dom Bosco   Maria aparece várias vezes, como no texto publicado em 1870:

[...] o opúsculo Nove dias consagrados a Maria Auxiliadora, Dom Bosco inspira-se na obra-prima mariana de S. Afonso, Glórias de Maria; várias vezes cita-o diretamente, em outras se refere à doutrina,²²² ao exemplo e à autoridade do santo Doutor: “Com frequência, em ponto de morte, Maria consola seus devotos aparecendo-lhes visivelmente [...] S. Afonso repetia frequentemente: se sou devoto de Maria, tenho certeza de que irei para o céu”

“[...] Tendo nós grande necessidade de consolidar-nos quanto à questão do levantar pela manhã, a ser praticado por todos ao mesmo tempo e bem cedo a fim de adequar-nos à regra comum; (Buccellato, 2015, p. 105)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo consideramos as leis e práticas dos Salesianos, lembrando no processo a memória deixada e preservada pelos escritos de Dom Bosco, sua biografia e estudo sobre a congregação salesiana. Os artigos e documentos sobre o tema constituem um monumento que identifica Dom Bosco como fundador único, e pioneiro de um sistema de educação que evoluiu ao longo do tempo no contexto educacional e social. A descrição sobre o que preconiza a congregação é ampla e geral sobre o caminho do cuidado voltado em torno dos três pilares do amor, da religião e da razão tendo como objetivo educar os jovens no conhecimento moral, religioso, mental, físico e espiritual. O papel do professor, em interpretação a este método educacional deve ser de verificação à visão religiosa de dedicação plena ao cidadão em uma posição de olhar o aluno como a si próprio, pois a doutrina é voltada ao seu amor pelos alunos

e na transformação dos jovens, por mais violentos que sejam em verdadeiros cidadãos e bons cristãos.

Os salesianos afirmaram que este método de ensino é mais eficaz do que simples simulações e pode ser utilizado em diferentes tempos e lugares e, portanto, no mundo. Assim, os ensinamentos de ser um bom cristão e um cidadão justo podem ser aplicados a qualquer escola, seja ela um lar ou um reformatório para meninos e meninas. A partir daí, podemos perceber a confirmação da memória narrativa, que preserva informações sobre a organização de forma a impedir a interpretação de suas atividades acadêmicas. Uma análise mais atenta revela que as palavras sobre ser um bom cristão e um cidadão justo são indicativas das decisões políticas que os Salesianos e seus membros tomaram ao longo dos anos no lugar onde foi fundada a sua escola.

Muitos fatores permitiram que a congregação salesiana viesse ao Brasil e trabalhasse no país. Primeiro havia a questão política da época: a crise da monarquia, que recentemente levou à proclamação da república. No novo governo, as forças políticas e econômicas trabalharam para educar os brasileiros, com o objetivo de convertê-los da educação para a cidadania. Para isso, eram necessárias instituições de ensino, uma vez que o governo republicano não conseguiria realizar sozinho uma tarefa tão importante. A segunda fase foi o desenvolvimento econômico e social que afetou os brasileiros no final do século XIX. O crescimento da produção de café, o estabelecimento do transporte ferroviário, o crescimento do comércio exterior, o crescimento da indústria urbana, a pressão do movimento livre de trabalhadores, a chegada de imigrantes europeus e o todos um tema e eventos que proporcionam condições para o desenvolvimento dos mercados internos. Tudo isso criou uma demanda por profissionais que as instituições de ensino brasileiras não conseguiam atender. Finalmente, em terceiro lugar, mas não menos importante, as reformas da Igreja Católica sob os princípios divinos e da Romanização levaram alguns bispos brasileiros a vê-las como uma forma de separar a Igreja Brasileira do poder do governo. No entanto, estes institutos também se dedicam a formar mão de obra especializada. Assim, o Colégio Santa Rosa (1883), no Rio de Janeiro, e o Liceu Coração de Jesus (1885), em São Paulo, receberam o apoio dos bispos, das elites locais e do governo imperial. Assim, formar um bom cristão e um cidadão honesto já não tem apenas um significado religioso, mas também um significado político. Por isso

é possível afirmar que, no discurso salesiano, está entrelaçado o poder do pastorado e o poder político.

No entanto, as evidências que apoiam a tese da diversidade nos projetos educativos salesianos encontram-se, sobretudo no período republicano. Nessa época foram criadas várias escolas e institutos salesianos, com o objetivo de abranger vastos territórios e enormes sociedades. Diversidade Cultural Diversidade, integração do trabalho em todo o país. No entanto, a pesquisa aqui desenvolvida sobre as práticas educativas dos padres italianos limitou-se a três grandes instituições no sudeste: Colégio Santa Rosa, Liceu Corazon de Jesús, Escolas Don Bosco e Mato.

O início da república foi marcado por conflitos políticos e religiosos entre a Igreja, o Estado e várias facções sobre a educação dos pobres e sem instrução. O decreto de 7 de janeiro de 1890 e a posterior promulgação da Constituição de 1891 separaram legalmente o Estado da Igreja Católica, despertando as suspeitas dos bispos brasileiros. Os Salesianos, por outro lado, apoiaram os bispos que eram céticos em relação ao novo sistema. Porém, uma característica desta ordem era formar uma aliança com o governo atual, e logo começaram a aceitar o novo governo. Segundo os padres italianos, o marco desta aliança foi a revolta da Armada de 1894. Em qualquer caso, a própria hierarquia eclesial não rompeu definitivamente com o governo republicano. Surgiram conflitos entre o Estado e a Igreja, o primeiro procurando limitar os privilégios da segunda e a última garantindo os seus privilégios seculares. Mesmo antes da declaração da República, a educação da população em grande parte analfabeta do Brasil fazia parte do programa político republicano. Além disso, outras facções políticas dentro do império também defenderam a educação dos sectores menos afortunados da sociedade.

No contexto do desenvolvimento económico, da industrialização e da urbanização, os grupos urbanos pobres apresentaram-se às elites como hordas de selvagens a serem domesticados. Os movimentos de esquerda (socialistas, anarquistas, comunistas) viam-nos como um meio de estabelecer uma sociedade nova, mais igualitária e justa. Em troca, os Salesianos levam o sistema educativo aos grandes centros urbanos, tornando possível com a Escola Colégio Santa Rosa, a Escola Liceu Corazon de Jesus e a Escola Dom Bosco, proporcionando educação com perspectiva religiosa às autoridades e à sociedade brasileira.

O projeto educacional dos padres de Turim, destinado à formação de bons cristãos e cidadãos honestos, também sofreu com a concorrência dos protestantes

desde o estabelecimento de escolas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Para os liberais mais radicais, os ensinamentos da Igreja eram ultrapassados e supersticiosos e, portanto, não se enquadravam na era de progresso e modernização da sociedade brasileira. Por esta razão, a criação das duas primeiras escolas da congregação encontrou forte oposição da imprensa liberal, que se aliou à educação protestante e via a educação católica como algo a ser proibido.

Nestas situações de confrontos e conflitos, com o objetivo de estabelecer a propriedade cidadã e trabalhadora, os Salesianos introduziram dois tipos de programas nas instituições educativas. Um para servir a elite, o outro para uma sociedade disciplinada, ordeira e piedosa. Para formar trabalhadores.

REFERENCIAS

ALBERTINI, Rafael; ZANATA, Fábio dos Santos, CELEIDA, Maria Costa de Souza. **"Competência para educar e carisma para conquistar: o diferencial da gestão na escola salesiana."** Multitemas. 2015.

ALBUQUERQUE, Danilo Araújo de. **"A educação religiosa no Colégio Salesiano Sagrado Coração do Recife."** 2014. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/367>. Acesso em: 22 Ago. 2023.

ALENCASTRO, L. F. **Vida privada e ordem privada no Império. In. (Org.). História da vida privada no Brasil 2.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 11-93. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7500468/mod_resource/content/0/ALENCAS TRO%2C%20Luiz%20Felipe%20de.%20Vida%20privada%20e%20ordem%20privada%20no%20Imp%C3%A9rio.%20Hist%C3%B3ria%20da%20vida%20privada%20no%20Brasil%20-%20Imp%C3%A9rio..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7500468/mod_resource/content/0/ALENCAS%20TRO%2C%20Luiz%20Felipe%20de.%20Vida%20privada%20e%20ordem%20privada%20no%20Imp%C3%A9rio.%20Hist%C3%B3ria%20da%20vida%20privada%20no%20Brasil%20-%20Imp%C3%A9rio..pdf), acesso em: 17 Nov. 2023.

ANJOS, J. A. **A roda dos enjeitados: enjeitados e órfãos em Pernambuco no século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1997. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_6008cec1353a68e381c2160b37846ad. Acesso em 12 Out. 2023.

ARTIME, Ángel Fernández. **Dom Bosco: homem de Deus que sempre pediu ajuda a todos**. [online]. 2020. Disponível em: <https://boletimsalesiano.org.br/materias/juventude/item/11560-dom-bosco-homem-de-deus-que-sempre-pediu-ajuda-a-todos.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.

AZZI, R. **A Igreja católica e o estado brasileiro**. CEHILA. História general de la Iglesia em América Latina, v. 2, 1980, p. 3-2.

_____. **Perspectiva Teológica Ano XIII N? 29 a 31 Janeiro a Dezembro 1981 P. 7- 17**.

_____. **Os Salesianos no Brasil: à Luz da História**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco. 1982.

_____. **A implantação da obra salesiana (1884-1894)**. In: _____. **Os salesianos no Rio de Janeiro**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983b. v. 2.

_____. GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil—terceira época 1930-1964**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 34-67, 2008.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado, Ana Silvia Volpi Scott, Venâncio, Renato Pinto, et al. **Uma história social do abandono de crianças: de Portugal ao Brasil: séculos XVIII-XX**. Editora PUC Minas, 2010.

BENNETT, A.; CHECKEL, J. **Rastreamento de processos: das raízes filosóficas às melhores práticas**. In: BENNETT, A.; CHECKEL, J. T. (Eds.). . *Process Tracing: From Metaphor to Analytic Tool*. [s.l.] Cambridge University Press, 2015

BOFF, Leonardo; “**Apreciação teológica da renovação carismática católica analisada sociologicamente**”; In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de; *Renovação Carismática Católica: Uma análise sociológica, interpretações Teológicas*; Petrópolis: Vozes; 1994.

BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOSCO, São João. **Ensinos de Vida Espiritual – uma Antologia**. Trad. D. Hilário Moser. Brasília: Ed. Dom Bosco, 2014.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco: uma biografia nova (edição digital)** Editora Dom Bosco, Brasília, 2014. Disponível em: https://salesianosp.org.br/osbomretiro/wp-content/uploads/2021/08/Dom-Bosco_-Uma-biografia-nova.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade**. Trad. Geraldo Lopes, Volumes I e II. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

_____. **Prevenir, não reprimir**: o sistema educativo de Dom Bosco / Pietro Braido; [tradução Jacy Cogo]. - Editora Dom Bosco, Brasília, 2014. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/27095/1/W%C3%89LIDA%20SARAIVA%20%27AURIA.pdf>. Acesso em 11 out. 2023.

BUCCELLATO, GIUSEPPE: Raízes da Espiritualidade de São João Bosco. O influxo de alguns santos na vida espiritual e apostólica do fundador dos Salesianos. -- Brasília, DF : EDB, 2015.

CABRAL, Chaves, Koury . UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PPG-CR – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião Disciplina: Devoções e Materialidade do Sagrado “nestes tempos tão hostis à Religião” LEÃO XIII, Encíclica Adiutricem Populi, Roma, 1895. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_05091895_adiutricem.html. Acesso em: 15 de mai. 2023.

CARVALHO, M. J. M. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850**. Recife: Editora da UFPE, 1998.

CAVALCANTI, 1989 CARDOSO, M. R. **O desencantamento do mundo segundo Max Weber**. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias, v. 1, n. 02, 2014.

CHAMBOULEYRON, R. A evangelização do novo mundo: o plano do Pe. Manuel da Nóbrega . **Revista de História**, [S. l.], n. 134, p. 37-47, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i134p37-47. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18785>. Acesso em: 02 dez. 2023.

COLLIER, D. **Compreendendo o rastreamento de processos**. PS - Political Science and Politics, v. 44, n. 4, p. 823–830, 2011.

CORDEIRO, José, **Diário de Pernambuco despacho do secretário da fazenda , do dia 20 de agosto de 1895, quarta feira 22 de agosto C. 5,6**. Disponível em https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_07&Pesq=salesiano&pagfis=12215. Acesso em: 09 dez. 2023

CORTÉS, O.N.P. **"A inter-relação bourdieusiana: habitus, campo e capital."** Porto Alegre: Editora Fi. 2016. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/597630/olga-nancy-pena-cortes>. 05 nov. 2023.

COSTA, Wendell Rodrigues. Instruir e trabalhar: a sociedade dos artistas mecânicos e liberais de Pernambuco e o liceu de artes e ofícios (1841 – 1880). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 253–280, 2013. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814272013253>. Acesso em: 14 dez. 2023.

Cunha, Eleonora Schettini Martins. Process tracing nas Ciências Sociais: fundamentos e aplicabilidade. / Eleonora Schettini Martins Cunha e Carmem E. Leitão Araújo. – Brasília: Enap, 2018. 103 p. : il. –

DA SILVA, L. P. **O Colégio Manuel da Nóbrega: o papel da educação jesuíta nos projetos de restauração católica no Recife (1917-1930)**. MS thesis. Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16733?mode=full>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DE ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. Companhia das letras, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/AfricanaStudia/article/view/7131/6551>. Acesso em 12 nov.2023.

DE ANDRADE, Antenor Silva, **história da inspetoria salesiana do ne do brasil – isneb**, Editora salesiana. Disponível em: <https://salesianos.org.br/noticia/120-anos-da-inspetoria-salesiana-do-nordeste-uma-obra-a-servico-da-vida/>. Acesso em: 01 mai. 2023.

DE SOUZA, Maurício Severo. "**A relação entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX nas páginas d' O Novo Mundo (1870-1879)**." Sacrilogens 10.2 (2013). DICIONÁRIO Teológico Ultramontano. s.d. Disponível em: <comunidadewesleyana.blogspot.com/.../dicionario-teologico-ultramntano>. Acesso em: 1 out. 2013. Acesso em: 02 ago 2023.

DESRAMAUT, Francis. **Vida do Padre Miguel Rua : primeiro sucessor de Dom Bosco (1837-1910) / Francis Desramaut ; [traduzido por Antônio Feltrin]**. -- Ed. rev. aos cuidados de Aldo Giraud. -- São Paulo: Editora Salesiana, 2010. Disponível em: <https://isma.org.br/dom-rua-continuador-de-dom-bosco/>. Acesso em 07 ago. 2023.

DOS ANJOS, Amador. **A Questão Operária - Resposta de Dom Bosco**. Lisboa: Gráfica de Santa Clara, 2015.

DOS SANTOS NARCISO, L. F. I Moti Del 1820 In Italia: 200 Anos dos Movimentos Revolucionários de 1820 na Península Itálica. **Revista Historiador**, [S. l.], v. 1, n. 14, 2022. Disponível em: <https://revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/245>. Acesso em: 04 dez. 2023.

DOS SANTOS, B. M. Os fundamentos do sistema preventivo como formadores de uma cultura da solidariedade. **Multitemas**, [S. l.], v. 33, 2016. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/692>. Acesso em: 12 nov. 2023.

ESBERARD, JOÃO, **Apelo para a fundação do colégios**. Jornal do Recife. Recife, p.A 2, 11 de junho de 1892, disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=salesianos&pagfis=32451>. acesso em: 12 de julho de 2023.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535909524/formacao-economica-do-brasil>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

GOMES, E. da S. (2010). **A estadualização da hierarquia eclesiástica no Brasil: política e poder na relação Estado/Igreja durante a República Velha (1889-1930)**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 37(2). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3058>. Acesso em 27 Set. 2023.

HOORNAERT, Eduardo. **"A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial."** AAVV História Geral da Igreja na América Latina. Petrópolis: Vozes 2 1977. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros_Editados_ED/L.Edi.4_Tomo2_Brasil_Primeira_epoca.pdf. Acesso em: 06 out. 2023.

ISÁU, Manoel. **"Educação salesiana no Brasil sudeste de 1880 a 1922. Dimensões e atuação em diversos contextos."** Campinas: Unicamp (2006). Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manoel_isau_artigo_0.pdf. Acesso em 05 Out 2023.

JOSÉ, Alexandre Barbosa Lima. **Mensagem apresentada pelo EXMO. senhor governador do Estado de Pernambuco. Ao Congresso Legislativo no dia 23 de março de 1895**. Diário de Pernambuco, 30/03/1895. Anno LXXI, Número 73). Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_07&Pesq=salesiano&pagfis=11279. Acesso em: 09 Dez. 2023.

JUNIOR, JOSÉ PEREIRA DE SOUSA. "O processo de Restauração Católica no Brasil na Primeira república." **Fato & Versões-Revista de História** 7.14 (2015). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1604>. Acesso em: 22 Ago. 2023.

KOERNER, A.. **O reino social de Cristo e a constituição orgânica da nação: das encíclicas de Leão XIII ao pensamento católico brasileiro do início dos anos trinta**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 33, n. 71, p. 489–510, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/t3kkJP5XJdpLwJ38KSh5nxF/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2023.

KUHNEN, Alceu. **As origens da igreja no Brasil: 1500 a 1552**. Edusc, 2006. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/21620-as-origens-da-igreja-no-brasil-1500-a-1552-alceu-kuhnen.html>. Acesso em 02 nov. 2023.

LEÃO. **"amargura dos nossos tempos"** XIII, Encíclica Aeterni Patris, Roma, 1879. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html. Acesso em: 15 de mai. 2023

LENTI, J. Arthur. **Dom Bosco: História e carisma. Volumes I, II, III** Trad. Antenor Velho. Brasília: Ed. Dom Bosco, 2012.

_____. **DOM BOSCO: História e carisma 1 Origem: Dos Becchi a valdocco (1815-1849)**. Brasília: EDB, v. 2, 2013.

LIBÂNEO, J. B. **Concepções Teológicas**. In: PASSOS, J. D. P.; SANCHEZ, W. L. (Orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2022.

_____. **A religião no início do milênio**. Vol. 8. Edições Loyola, 2002.

LUZ, I. M. **Sobre o caráter educativo das irmandades negras no Brasil oitocentista**. 2013. (mestrado em História). Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364744909_ARQUIVO_Textocompleto-ANPUH2013.pdf. Acesso em 13 Out. 2023.

LIMA, Lúcio Renato Mota. **O Apostolado dos padrões: limites e possibilidades de um plano industrial disciplinar-religioso em uma fábrica têxtil (Camaragibe, 1891-1908)**. Recife, 2012. 176f. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11033>. Acesso em: 23 Set. 2023.

MAC CORD, Marcelo. **Francisco José Gomes de Santa Rosa: experiências de um mestre pedreiro pardo e pernambucano no Oitocentos. Afro-Ásia, p. 199-227**, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/yqzjYNfHbQYWDgkN7c9D8YH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 Jul. 2023.

MARQUES A. M. **História Contemporânea através de textos/ adhemar marques Flávio Buritti, Ricardo Faria - 12. ed - São Paulo : Contexto, 2011. (coleção textos e documentos, v. 5)**. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/adhemar-marques-flavio-berutti-ricardo-faria/historia-contemporanea-atraves-de-textos/1057035224>. Acesso em 04 nov. 2023.

MIALHE, J. L., & Soffner, R. K. **Ensaio sobre os fundamentos pedagógicos do método educativo de João Melchior Bosco (Dom Bosco)**. 2021. *Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*, 26(57), 59–80. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i57.1512>. Acesso em: 12 Ago. 2023.

MODESTI, J. **Dom Bosco: "História e Carisma"**. Uma pedagogia perene. São Paulo: Editora Dom Bosco, 1975.

MONTEIRO, Paula. "Antonio Colbacchini e a etnografia salesiana." **Revista Brasileira de Ciências Sociais** 22. 2007". 49-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BhRPz4z8HBbX57mbgJBvj4G/>. Acesso em: 13 Ago. 2023.

MONTEIRO, José Marciano, **10 lições sobre Bourdieu/ José Marciano Monteiro**, Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. Disponível em:

file:///C:/Users/Aur%C3%A9lio/Downloads/dgvasques,+10+Li%C3%A7%C3%B5es+sobre+Bourdieu.pdf. Acesso em: 13 Ago. 2023.

NETO, José Pedro Lopes. "**Queira a Virgem Imaculada abençoar nossa Diocese**": A invenção da devoção mariana no Morro da Conceição (1904-1925). 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://pgh.ufrpe.br/sites/default/files/testes-dissertacoes/Queira%20a%20Virgem%20Imaculada%20aben%C3%A7oar%20nossa%20Diocese%20-%20a%20inven%C3%A7%C3%A3o%20da%20devo%C3%A7%C3%A3o%20mariana%20no%20Morro%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o-1904-1925.pdf>. Acesso em: 23 Ago. 2023.

Notícia de Aquém e Além Mar Boletim (Recife, Pernambuco) Festa Íntima, **Boletim Salesiano**, Turim, ano 7, V II, p. 753, mar. 1908A.

OLIVEIRA, L. Centenário da presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil: dos primórdios até 1932. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994. Vol. I.

_____. Centenário da presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil: de 1933 a 1964. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1994. Vol. II.

_____. Centenário da presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil: de 1965 a 1994. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1995. Vol. III. as contribuições de seu pensamento para formação dos jovens pernambucanos entre o final do século XIX e início do século XX.

OLIVEIRA, Ramon de. Demandas por qualificação profissional: Recife, segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, p. 629-646, 2001. Velho. Brasília: Ed. Dom Bosco, 2013.

PAIVA, Angela Maria Randolpho. **Valores religiosos na construção da cidadania: estudo comparativo Brasil-Estados Unidos**. Diss. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/component/content/article/9-teses/192-valores-religiosos-na-construcao-da-cidadania-estudo-comparativo-brasil-estados-unidos?Itemid=102>. aCESSO EM 07. sET. 2023.

Peña Cortés, Olga Nancy. *A inter-relação bourdieusiana: habitus, campo e capital*. MS thesis. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

PEREIRA, J. C. (2009). RELIGIÃO E PODER: Os símbolos do poder sagrado. CSOnline - **Revista eletrônica de ciências sociais**, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17055>. Acesso em: 19 Ago. 2023

PEREZ, José Roberto Rus, and Eric Ferdinando Passone. "**Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil**." *Cadernos de pesquisa* 40 2010. p 649-673. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/sP8smWgyn5fJS77m6Cv4npj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 Out. 2023.

PERRUCCI, G. **A república das usinas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/gadiel-perruci/a-republica-das-usinas/280036247>. Acesso em 12 Jun. 2023.

PITILLO, Silvana Assis Freitas. **"Os Salesianos no Brasil: uma visão histórico-reflexiva de um discurso universalizante inconsistente"**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21501>. Acesso em 15 Set. 2023.

REICH, E. E. **A distinção das classes sociais segundo o conceito de capital cultural em bourdieu, e a teoria da classe de lazer de thorstein veblen**. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.], n. 15, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/11491>. Acesso em: 14 nov. 2023.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Disponível em: <file:///C:/Users/Aur%C3%A9lio/Downloads/40315-Texto%20do%20artigo-47650-1-10-20120829.pdf>. Acesso em 10 Set. 2023.

ROMANO, CRISTINA DE TOLEDO. **Biografias e religiosidade católica na modernidade. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012**. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1337280026_ARQUIVO_Artigodefinitivo.pdf. Acesso em 07 nov. 2023.

SÁ, Alexandre José Gomes de. **"A ação social católica de Carlos Alberto de Menezes: da inspiração na espiritualidade vicentina à antecipação das exigências da encíclica Rerum Novarum."** (2020).

SANDRINI, Marcos. **REVISTA ATITUDE - Construindo Oportunidades. Periódico da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre Ano V - Nº 10 - Julho a Dezembro de 2011** Porto Alegre - Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre. Disponível em: https://antigo.faculdadedombosco.net/wp-content/uploads/2016/05/1340146009_RevistaAtitudeno10PortoAlegre.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

SANTOS, Jaqueline Calixto dos. **A trajetória de Carlos Alberto de Menezes entre a fábrica têxtil de Camaragibe e o Colégio Salesiano do Recife (1874-1904)**. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52323>. Acesso em 04 nov. 2023.

SILVA, E. F. **A educação profissional frente às demandas do mundo do trabalho**. 2015. (Mestrado em Educação). Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/03755640-e661-4fbe-aacb-a5b6e4445f68>. Acesso em 13 Out. 2023.

SILVEIRA, Ivana Teixeira. "PODER SIMBÓLICO E CATOLICISMO AO LONGO DA HISTÓRIA (1500-1950)." Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493 12.1 (2017): 1020-1024.

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B.. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar em Revista**, n. 31, p. 169–189, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em 14 nov. 2023.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Cultura, gênero e infância: nos labirintos da história. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 18, n. 02, p. 607-610, ago. 2010. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 dez. 2023.

SOARES, Luís Roberto Zaratín. **O Concílio de Trento**: o frevigorar da Igreja. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/32356>. Acesso em 08 out. 2023.

VENÂNCIO, R. P. **Famílias Abandonadas**: Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Campinas: Papyrus, 1999. Disponível em:

https://www.academia.edu/44983297/VEN%C3%82NCIO_Renato_Pinto_Fam%C3%ADlias_Abandonadas_Assist%C3%A0ncia_%C3%A0_crian%C3%A7a_de_camadas_populares_no_Rio_de_Janeiro_e_em_Salvador_s%C3%A9culos_XVIII_e_XIX_Campinas_Papyrus_1999. Acesso em: 12 Nov. 2023.

VAILATI, Luiz Lima. "Os funerais de" anjinho" na literatura de viagem." **Revista Brasileira de História** 22. 2002: 365-392. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=en. Acesso em 13 Ago. 2023.

VENTURA, Fortunato. "A Rua Seminário Ilustrado" do dia 14 de dezembro de 1903 na coluna "Notícia de última Hora" Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258954&pesq=salesiano&paSta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=9> acesso em 02 dez. 2023